

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CAMPUS DE BALSAS
CURSO DE PEDAGOGIA

KÂNDIDA EDUARDA SOARES LIMA

O LUGAR DA MULHER NA EDUCAÇÃO E NA CIÊNCIA: desafios, trajetórias e
inspirações

BALSAS
2025

KÂNDIDA EDUARDA SOARES LIMA

O LUGAR DA MULHER NA EDUCAÇÃO E NA CIÊNCIA: desafios, trajetórias e
inspirações

Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia da Universidade Estadual do
Maranhão (UEMA), Campus Balsas, como
requisito para obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Bruno
Araújo Queiroz.

L732I

Lima, Kandida Eduarda Soares

O lugar da mulher na educação e na ciência: desafios, trajetórias e inspirações. Kandida Eduarda Soares Lima /. – Balsas, 2025.

56 f.

Monografia (Graduação em Pedagogia) Universidade Estadual do Maranhão – UEMA / Balsas, 2025.

Orientador: Prof. Me. Marcelo Bruno Queiroz.

1. Mulheres Cientistas. 2. Educação. 3. Equidade de Gênero. 4. Representatividade. 5. Políticas Públicas. I. Título.

CDU: 398.2


KÂNDIDA EDUARDA SOARES LIMA

**O LUGAR DA MULHER NA EDUCAÇÃO E NA CIÊNCIA: desafios, trajetórias e
inspirações**


Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia da Universidade Estadual do
Maranhão (UEMA), Campus Balsas, como
requisito para obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

Data de Aprovação: 23/06/2025


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **MARCELO BRUNO ARAÚJO QUEIROZ**
Data: 07/07/2025 20:45:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marcelo Bruno Araújo Queiroz (Orientador)
Doutor em Ensino de Ciências e Matemática
Instituto Federal do Piauí

Documento assinado digitalmente
 **RENNAN ALBERTO DOS SANTOS BARROSO**
Data: 08/07/2025 00:13:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Rennan Alberto dos Santos Barroso
Mestre em Educação Inclusiva
Universidade Estadual do Maranhão

Documento assinado digitalmente
 **LAIS DOS SANTOS NERI DA SILVA**
Data: 08/07/2025 16:03:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Lais dos Santos Neri da Silva **Mestre em Educação**
Mestra em Genética e Melhoramento
Instituto Federal do Piauí

Dedico este trabalho a todos e todas que acreditaram em mim, me apoiaram nos momentos difíceis e me inspiraram a nunca desistir dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso representa o encerramento de uma etapa muito importante da minha vida acadêmica, e para que isso fosse possível, contei com o apoio e a contribuição de muitas pessoas especiais, às quais expresso minha sincera gratidão.

A Deus, fonte de sabedoria e força, agradeço por me sustentar em todos os momentos, principalmente nos mais desafiadores.

Aos meus familiares, em especial aos meus pais, pelo amor, incentivo, compreensão e apoio incondicional ao longo de toda a minha trajetória. Vocês sempre foram minha base e inspiração.

Aos meus professores e professoras, que ao longo do curso compartilharam conhecimentos e experiências com dedicação e compromisso, contribuindo imensamente para a minha formação.

Ao meu orientador professor Me. Marcelo Bruno Queiroz pela paciência, disponibilidade, apoio constante e por acreditar no meu potencial. Sua orientação foi essencial para a realização deste trabalho.

Aos colegas de curso Fernanda e Keylla, obrigada pelas trocas de saberes, companheirismo e amizade construídos durante essa jornada.

*“Educar é crescer. E crescer é viver.
Educação é, assim, vida no sentido mais
autêntico da palavra”.*

— Anísio Teixeira

RESUMO

A presença das mulheres na ciência e na educação tem ganhado crescente atenção nas últimas décadas, impulsionada por debates sobre equidade de gênero, representatividade e justiça social. Apesar de avanços significativos, as desigualdades históricas ainda impõem barreiras que limitam o pleno reconhecimento e participação feminina nesses campos. Refletir sobre o lugar da mulher nas esferas científicas e educacionais é, portanto, fundamental para entender as transformações necessárias rumo a uma sociedade mais inclusiva e plural. O estudo propõe uma análise do papel das mulheres cientistas, enfocando suas contribuições na educação e sua capacidade de inspirar e orientar novas gerações. A partir de uma abordagem qualitativa, o estudo combina revisão bibliográfica com a escuta de docentes da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), campus de Balsas, buscando compreender as experiências, os desafios e os caminhos trilhados por mulheres que atuam no meio acadêmico. O trabalho resgata histórias emblemáticas de cientistas como Bertha Lutz, Nise da Silveira, Maria Montessori e outras figuras de referência, além de valorizar trajetórias de educadoras locais, como Lusitonia da Silva Leite e Marta Helena Facco Piovesan. A pesquisa evidencia que, mesmo diante de avanços na formação acadêmica, muitas mulheres enfrentam entraves que vão desde a sobrecarga de trabalho doméstico até a invisibilidade institucional, fatores que dificultam sua ascensão profissional. A representatividade de mulheres em espaços de conhecimento científico contribui para desconstruir estereótipos de gênero, amplia o horizonte de possibilidades para meninas e jovens e favorece a construção de práticas pedagógicas mais equitativas. O estudo reforça que inserir cientistas mulheres no currículo escolar não é apenas uma medida de correção histórica, mas uma estratégia educativa transformadora. Conclui-se que reconhecer e valorizar as trajetórias das mulheres na ciência é essencial para promover mudanças concretas na cultura educacional e acadêmica.

Palavras-chave: Mulheres cientistas; Educação; Equidade de gênero; Representatividade; Políticas públicas;

ABSTRACT

The presence of women in science and education has gained increasing attention in recent decades, driven by debates on gender equity, representation and social justice. Despite significant progress, historical inequalities still impose barriers that limit the full recognition and participation of women in these fields. Reflecting on the place of women in the scientific and educational spheres is, therefore, fundamental to understanding the necessary transformations towards a more inclusive and plural society. The study proposes an analysis of the role of women scientists, focusing on their contributions to education and their ability to inspire and guide new generations. Using a qualitative approach, the study combines a bibliographic review with listening to professors from the State University of Maranhão (UEMA), Balsas campus, seeking to understand the experiences, challenges and paths taken by women working in academia. The study recounts emblematic stories of scientists such as Bertha Lutz, Nise da Silveira, Maria Montessori and other leading figures, in addition to valuing the careers of local educators, such as Lusitonia da Silva Leite and Marta Helena Facco Piovesan. The research shows that, despite advances in academic education, many women face obstacles ranging from an overload of domestic work to institutional invisibility, factors that hinder their professional advancement. The representation of women in scientific knowledge spaces helps to deconstruct gender stereotypes, broadens the horizon of possibilities for girls and young women and favors the construction of more equitable pedagogical practices. The study reinforces that including female scientists in the school curriculum is not just a measure of historical correction, but a transformative educational strategy. It is concluded that recognizing and valuing the careers of women in science is essential to promote concrete changes in educational and academic culture.

Keywords: Women scientists; Education; Gender; equity; Representation; Public policies;

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ATEMA – Atlas Toponímico do Estado do Maranhão

CESBA – Centro de Estudos Superiores de Balsas

FIC – Faculdade Imaculada Conceição

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

ONU – Organização das Nações Unidas

NDE – Núcleo docente estruturante

PLANI – Pesquisa e Linguística Aplicada entre narrativas e identidades

PROFEI – Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede

PROFMAT – Mestrado Profissional em Matemática

STEAM – Ciência, Tecnologia, Matemática e Artes

SUS – Sistema Único de Saúde

UEMA – Universidade Estadual do Maranhão

UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UFLA – Universidade Federal de Lavras

UFG – Universidade Federal do Goiás

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UFPA – Universidade Federal do Pará

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Tecnologia

UNISINOS – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	05
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	07
2.1 Participação das mulheres na ciência.....	07
2.2 Desafios e obstáculos para o engajamento de mulheres nas ciências	08
2.3 Diversidade de pensamentos e abordagens.....	10
2.4 A influência das mulheres cientistas na educação.....	11
3 METODOLOGIA.....	13
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	14
4.1 O legado de mulheres na ciência	14
4.2 Figuras femininas de destaque no meio científico junto a Universidade Estadual do Maranhão.....	30
4.2.1 Trajetória acadêmica e profissional de Lusitonia da Silva Leite	30
4.2.2 Trajetória profissional de Marta Helena Facco Piovesan.....	31
4.3 Percepção de mulheres docentes acerca da contribuição da mulher na Ciência.....	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	41
APENDICES.....	47

1 INTRODUÇÃO

O papel e o lugar das mulheres cientistas são temas de expressiva relevância global, refletindo o aumento do interesse pela participação feminina em diversas esferas científicas ao longo do tempo. Estudos indicam que uma maior representação feminina não apenas impulsionou o desenvolvimento científico, mas também gerou impactos econômicos significativos (IPEA, 2020).

A presença das mulheres na ciência é um fenômeno de impacto social, especialmente no âmbito educacional. Esta pesquisa destinou-se a investigar o lugar das mulheres cientistas na educação, na inspiração de futuras gerações e na construção de uma cultura científica mais inclusiva e diversificada, destacando seu papel como modelos e mentoras, para além da simples representação numérica. Dessa forma, compreender o lugar da mulher no âmbito científico envolveu uma análise de suas trajetórias e vivências, além dos desafios que enfrentaram ao longo de suas caminhadas acadêmicas e profissionais.

Este estudo teve como base algumas cientistas de relevância nacional, como Enedina Alves Marques, Nise da Silveira, Maria Montessori entre outras. Suas histórias e realizações foram emblemáticas não apenas de suas conquistas científicas, mas também de seus impactos inspiradores na educação e na formação de novos talentos científicos.

Diante do reconhecimento crescente da importância das mulheres na ciência e da urgência em promover a equidade de gênero neste campo, a seguinte questão de pesquisa emergiu: Como a presença e a influência das mulheres cientistas na educação impactaram a motivação, a inspiração e a trajetória educacional de futuras gerações no contexto da educação?

Esta pesquisa propôs um estudo sobre as mulheres cientistas para entender como elas foram agentes transformadoras na educação, inspirando e motivando novas gerações a trilharem seus sonhos e alcançarem seus objetivos. Através de suas pesquisas, descobertas e atuação profissional, elas contribuíram significativamente para o avanço do conhecimento, a promoção da igualdade de gênero e a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Esta pesquisa foi fundamentada na necessidade de compreender e destacar o impacto positivo das mulheres cientistas na educação e na inspiração de futuras gerações, especialmente no contexto da pedagogia. A equidade de gênero no campo

científico é considerada crucial para fomentar uma sociedade mais inclusiva e inovadora. A falta de representatividade foi um fator preponderante no caso das meninas, estando presente nos livros didáticos, nos filmes e nas propagandas, onde a figura do cientista esteve majoritariamente associada ao masculino (Santos, 2021).

Quando se pensava em “ciência”, muitos ainda associavam a área e seus avanços a figuras masculinas. Essa falta de visibilidade das mulheres ocorreu porque, por décadas, elas enfrentaram restrições no acesso às mesmas oportunidades, especialmente à educação (Silva, 2020).

Ao investigar e evidenciar os benefícios da presença feminina na ciência, esta pesquisa pode contribuir significativamente para o desenvolvimento de políticas e práticas que promovessem a igualdade de oportunidades. Além disso, enfatiza que a contribuição das mulheres é significativa e que elas desempenham um papel crucial em várias inovações que impactam a sociedade.

Ao inspirar mais mulheres a seguirem carreiras científicas, essa pesquisa contribui para enriquecer o panorama educacional e científico de maneira mais abrangente. Isso ampliou as perspectivas e contribuições na busca por soluções criativas e eficazes para os desafios contemporâneos, proporcionando uma base mais diversificada e inclusiva para a inovação científica e educacional.

O objetivo geral deste estudo foi investigar a influência das mulheres cientistas na educação e sua contribuição para as futuras gerações de jovens cientistas, especialmente no contexto da pedagogia. Para atingir esse propósito, os objetivos específicos incluíram discutir o papel das mulheres na ciência, destacando suas contribuições, desafios enfrentados e impacto na educação. Além disso, pretendeu-se analisar as experiências, contribuições e perspectivas das mulheres cientistas e educadoras, identificar quais são as cientistas presentes no campus da UEMA – Balsas e examinar a trajetória das professoras cientistas da instituição

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Participação das mulheres na ciência

A presença das mulheres na ciência, ao longo da história, tem sido marcada por desafios e lutas contra a discriminação e o sexismo. Durante séculos, a participação feminina no meio científico foi limitada por barreiras sociais, culturais e institucionais que restringiam o acesso à educação e às oportunidades de pesquisa (Rodrigues *et al.*, 2021).

No entanto, apesar dessas dificuldades, inúmeras mulheres perseveraram, contribuindo significativamente para o avanço do conhecimento em diversas áreas. Muitas delas não receberam o devido reconhecimento por suas descobertas e inovações, mas seu legado abriu caminho para que futuras gerações pudessem ocupar um espaço maior na ciência e na academia.

De acordo com Cilento e Guerra (2021), a influência das mulheres cientistas se manifesta de diversas maneiras, impactando tanto o ensino quanto a aprendizagem. Além de atuarem como pesquisadoras e professoras, essas mulheres desempenham um papel essencial na formação de novas cientistas, incentivando o pensamento crítico e a busca pelo conhecimento.

A presença feminina nas ciências contribui para a ampliação do debate sobre diversidade, inclusão e equidade de gênero, promovendo mudanças estruturais no ambiente acadêmico. A UNESCO destaca que a maior participação de mulheres na pesquisa científica resulta em uma abordagem mais plural e diversificada, o que enriquece a produção de conhecimento e fomenta inovações mais representativas das necessidades da sociedade (Ibarra; Ramos; Oliveira, 2021).

As pesquisas e reflexões sobre temas como identidade de gênero, estereótipos e vieses inconscientes são fundamentais para a construção de um ambiente educacional mais justo e inclusivo. Ao abordarem essas questões, essas cientistas não apenas combatem preconceitos, mas também criam metodologias de ensino mais equitativas, incentivando a participação de meninas e mulheres nas áreas *STEAM* (Ciência, Tecnologia, Engenharia, Matemática e Artes). Além disso, a inclusão de perspectivas femininas na ciência fortalece a representatividade, tornando o ambiente acadêmico mais acessível e inspirador para as futuras gerações (Nascimento *et al.*, 2022; Rodrigues *et al.*, 2021).

Segundo Gonçalves *et al* (2022), embora os avanços sejam notáveis, a tão almejada igualdade de gênero no mundo da ciência ainda permanece como um horizonte distante. Dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) revelam que apenas 33,3% dos pesquisadores nas áreas *STEAM* são mulheres. No cenário educacional, esse número se eleva para 35%, em média, entre os estudantes, o que demonstra que ainda há um longo caminho a percorrer para garantir equidade no acesso e na progressão das carreiras científicas.

A UNESCO prevê que, em 2050, as áreas *STEAM* representarão 75% das oportunidades de trabalho, tornando fundamental a ampliação da participação feminina nesse campo. No entanto, em 2016, apenas 30% dos países que fornecem dados sobre a questão alcançaram a paridade de gênero. Essa discrepância alarmante entre a demanda projetada e a representatividade feminina atual exige medidas urgentes e eficazes para promover a equidade de gênero em todos os níveis da educação e da ciência (Milson *et al.*, 2021; Pena; Quadros, 2023).

2.2 Desafios e obstáculos para o engajamento de mulheres nas ciências

A jornada das mulheres na ciência é permeada por diversos desafios que impedem o pleno desenvolvimento de seus talentos e potencialidades. Entre os principais obstáculos, destaca-se a discriminação de gênero, que perpetua estereótipos e preconceitos, criando um ambiente hostil e desfavorável para as mulheres. Esse cenário resulta em menos oportunidades de financiamento, dificuldade de ascensão na carreira acadêmica e científica, além da constante necessidade de provar sua competência em um ambiente historicamente dominado por homens (Silva *et al.*, 2024; Molter, Silva; Lucca, 2023).

A escassez de mulheres em posições de destaque no meio científico gera um ciclo de invisibilidade e desmotivação para as jovens que aspiram seguir essa carreira. Sem modelos inspiradores, muitas estudantes acabam desistindo ou optando por outras áreas. Além disso, a assimetria na carga de trabalho doméstico e de cuidado é uma realidade que impacta significativamente a trajetória das mulheres cientistas (Loch; Torres; Costa, 2021; Cyrino; Rizzatti; Rôças, 2021).

Segundo dados do IBGE (2023), as mulheres brasileiras dedicam, em média, quase o dobro do tempo dos homens às tarefas domésticas e ao cuidado com outras

peessoas, o que afeta diretamente sua disponibilidade para atividades acadêmicas e científicas.

Mesmo com níveis semelhantes de qualificação e produtividade, as mulheres ainda recebem salários inferiores aos dos homens, inclusive nas áreas de ciência e tecnologia. De acordo com a ONU Mulheres (2022), as cientistas ganham, em média, 20% menos que seus colegas homens. Essa disparidade compromete não apenas a equidade, mas também o reconhecimento do trabalho feminino, desestimulando o engajamento e a permanência das mulheres nesse campo.

A participação das mulheres no mercado de trabalho, especialmente em áreas tradicionalmente masculinas como as ciências exatas e engenharias, ainda é desproporcional. Segundo relatório da UNESCO (2021), embora representem quase 50% dos estudantes de graduação no mundo, as mulheres são apenas 33% dos pesquisadores. Esse número revela o desafio da inclusão plena e o quanto os mecanismos institucionais e culturais ainda dificultam sua inserção.

Muitas mulheres relatam ter vivenciado situações de constrangimento, intimidação e abuso de poder, o que gera sofrimento psicológico e impacta negativamente sua trajetória profissional. A criação de ambientes mais seguros e o fortalecimento de políticas institucionais de combate ao assédio são essenciais para garantir que as mulheres possam desenvolver seu trabalho sem medo ou intimidação (Brusco *et al.*, 2023).

Apesar de todos esses entraves, é notável a força do engajamento feminino para ocupar e transformar o espaço científico. Movimentos coletivos, redes de apoio e políticas afirmativas têm se mostrado estratégias importantes na luta por equidade. O engajamento político e acadêmico das mulheres revela não apenas resistência, mas também um compromisso com a transformação de estruturas excludentes. Como destacam Hirata e Kergoat (2020), o processo de construção da igualdade de gênero é também um processo de disputa simbólica e material, em que as mulheres, por meio da ação coletiva, conquistam espaços e subvertem lógicas patriarcais.

Superar os desafios que dificultam o engajamento das mulheres nas ciências exige o enfrentamento estrutural das desigualdades de gênero, o investimento em políticas públicas inclusivas e o fortalecimento de práticas institucionais que valorizem a diversidade e promovam justiça social.

2.3. Diversidade de pensamentos e abordagens

O Brasil possui uma rica história de mulheres que se destacaram na ciência, contribuindo significativamente para diversas áreas do conhecimento. Desde os primórdios da pesquisa científica no país, muitas enfrentaram desafios estruturais, como a exclusão de instituições acadêmicas e a falta de reconhecimento, mas persistiram e abriram caminho para as gerações futuras.

De acordo com Leitão *et al.* (2024), desvendar as contribuições dessas pioneiras são fundamentais não apenas para valorizar o papel crucial que elas desempenharam no desenvolvimento científico do país, mas também para inspirar novas gerações de pesquisadoras e acadêmicas. Além de promover maior equidade de gênero, a presença feminina na ciência enriquece o campo com perspectivas diversas, ampliando a compreensão de fenômenos e propondo soluções inovadoras para desafios complexos.

Um dos principais benefícios da participação feminina na ciência reside na riqueza e complexidade que suas diferentes perspectivas proporcionam. A diversidade de ideias, experiências e vivências aprimora o processo de pesquisa, promovendo abordagens mais inclusivas e equitativas. Pesquisas indicam que equipes diversas são mais criativas e apresentam soluções mais eficazes, uma vez que levam em consideração uma gama mais ampla de fatores sociais, culturais e biológicos (Bezerra; Macedo; Lopes, 2023).

Segundo Lisboa *et al* (2024), Enedina Alves Marques foi uma pioneira na luta contra o racismo e o sexismo na ciência brasileira, demonstrando que mulheres negras poderiam alcançar reconhecimento e sucesso acadêmico em um campo predominantemente masculino e branco. Foi a primeira mulher negra a se formar em Física no Brasil e a primeira docente negra da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Enfrentando inúmeros obstáculos, dedicou sua vida à pesquisa e ao ensino, tornando-se referência para diversas gerações de mulheres cientistas. Sua pesquisa sobre parasitologia teve grande relevância para a saúde pública, contribuindo para o avanço do conhecimento sobre doenças negligenciadas e fortalecendo estratégias de controle epidemiológico no país.

As mulheres trazem experiências e visões de mundo distintas, o que enriquece o processo de pesquisa e gera novas ideias. Estudos demonstram que a presença feminina em equipes científicas está associada a um trabalho mais rigoroso e com

menor índice de erros. Além disso, a diversidade de gênero garante que as pesquisas considerem as necessidades e perspectivas de diferentes grupos sociais, levando a soluções mais abrangentes e equitativas (Souza; Silva, 2021).

Segundo Bertha Lutz (1918), suas pesquisas em zoologia não apenas contribuíram para a compreensão da biodiversidade, mas também abriram caminho para seu ativismo pelos direitos das mulheres. Seu engajamento político foi crucial para a inclusão dos direitos das mulheres na Constituição brasileira de 1934, garantindo avanços na luta pela igualdade de gênero. Além disso, desempenhou um papel essencial na criação da Comissão Interamericana de Mulheres em 1928, que teve impacto significativo na promoção da equidade de gênero na América Latina.

Lutz também representou o Brasil em diversas conferências internacionais e foi uma porta-voz influente na luta pelos direitos das mulheres, tanto nacional quanto internacionalmente. Seu trabalho reforça a ideia de que a ciência e o ativismo podem andar juntos, promovendo mudanças estruturais na sociedade (Pena; Quadros, 2023).

Segundo Santos *et al.* (2022), o reconhecimento e a valorização do papel das mulheres na ciência são fundamentais para a construção de um ambiente acadêmico mais igualitário e diversificado. Investir na inclusão e no fortalecimento da participação feminina na pesquisa científica não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma estratégia essencial para o avanço do conhecimento e o desenvolvimento sustentável do país.

2.4 A influência das mulheres cientistas na educação

As mulheres cientistas servem como modelos inspiradores para alunos e professores de todas as idades, promovendo mudanças significativas na forma como a educação é percebida e estruturada. Ao ver mulheres bem-sucedidas em campos científicos, os alunos são incentivados a perseguir seus próprios sonhos e ambições, independentemente de gênero.

Essa representatividade é fundamental para desconstruir estereótipos de que determinadas áreas do conhecimento são predominantemente masculinas, ampliando as possibilidades de escolha profissional para meninas e jovens mulheres. Além disso, ao perceberem a presença feminina na ciência, os alunos desenvolvem uma visão mais equitativa do mundo acadêmico e profissional, compreendendo que a competência e o talento não têm gênero (Balbé; Botelho; Cabecinhas, 2023).

O uso de referências femininas na ciência dentro do currículo escolar contribui para que as alunas se sintam representadas e estimuladas a seguir carreiras científicas. Além disso, estratégias pedagógicas inovadoras baseadas em pesquisas conduzidas por mulheres cientistas ajudam a tornar o ensino mais dinâmico, acessível e eficaz, beneficiando todos os estudantes, independentemente de gênero (Menezes, 2023).

A influência das mulheres cientistas na educação é profunda e multifacetada. Por meio de suas conquistas, inspiração e liderança, elas estão moldando o futuro da educação e abrindo caminho para um mundo onde todos tenham a oportunidade de aprender e prosperar. Contribuem para o desenvolvimento do conhecimento, suas pesquisas e iniciativas impactam diretamente a vida de milhares de pessoas, promovendo a democratização do saber e o avanço da ciência como ferramenta de transformação social.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa teve uma abordagem qualitativa, que, segundo os fundadores das ciências sociais, consiste na observação dos fenômenos, independentemente de sua natureza. Como afirma Minayo (2024), a pesquisa qualitativa busca compreender as múltiplas dimensões de um fenômeno, indo além da mera descrição e das categorias predefinidas, para captar o significado das ações e os sentidos atribuídos pelos sujeitos.

Quanto aos objetivos, a pesquisa se classificou como descritiva, com o intuito de identificar mulheres cientistas e examinar a participação feminina na ciência, destacando histórias de algumas mulheres professoras no Campus UEMA de Balsas. Inicialmente, realizamos uma revisão bibliográfica, explorando estudos anteriores sobre o tema e identificando as contribuições relevantes para o campo de estudo.

Além disso, aplicou-se um formulário estruturado, composto por seis questões, utilizando a plataforma *Google Forms*, com o objetivo de coletar dados subjetivos, a partir dos relatos de mulheres profissionais da educação do Campus UEMA de Balsas. O número e o conteúdo dessas questões foram delineados de modo a atender aos objetivos da pesquisa, permitindo capturar a riqueza e a diversidade das experiências e perspectivas das mulheres cientistas da comunidade acadêmica.

Após a coleta dos dados, a triagem das informações foi realizada por meio da categorização temática das respostas, agrupando os relatos conforme a disposição das perguntas. Além disso, buscamos também identificar a trajetória de estudos das professoras por meio do Currículo *Lattes*, no sentido de compreender os caminhos percorrido pelas mulheres educadoras cientistas que contribuíram com a pesquisa.

A organização dos dados seguiu um critério sistemático, facilitando a interpretação e a comparação das informações obtidas. Diante disso, a discussão foi estruturada em capítulos e seções, trazendo inicialmente o legado de grandes nomes femininos na Ciência, como Bertha Lutz, Nise da Silveira, Celina Turchi, Mayana Zatz, Sônia Guimarães, Marilda Iamamoto, Maria Montessori, Nisia Floresta, Paula Souza, Magda Soares e Ana Maria Araújo Freire. A seção segue apresentando a caminhada de nomes importantes que possuem relação direta com a Universidade Estadual do Maranhão, as docentes Lusitonia da Silva Leite e Marta Helena Facco Piovesan. Após a coleta dos dados, estes foram discutidos, analisados e apresentados de forma sistemática, resultando no trabalho de conclusão de curso do tipo monográfico.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta seção foi dividida em capítulos que abordam a trajetória de figuras femininas no campo científico, o legado de professoras que se destacam na ciência junto a UEMA e a percepção de mulheres docentes sobre a contribuição feminina para a ciência. Esta divisão foi realizada com o propósito de facilitar a compreensão da discussão dos resultados.

4.1 O legado de mulheres na ciência

De acordo com o estudo realizado por Lara e Capozzi (2024), Bertha Lutz foi uma figura central na história da ciência e da saúde pública, especialmente no contexto brasileiro, sendo pioneira em diversas áreas. Sua formação acadêmica, voltada para as ciências e educação, permitiu-lhe atuar de maneira significativa nas reformas educacionais e no desenvolvimento de políticas públicas de saúde. Ela foi uma das primeiras mulheres a questionar os paradigmas educacionais da época, especialmente no que diz respeito à profissionalização feminina nas áreas científicas e de saúde.

O estudo reafirma a sua contribuição à saúde pública se deu principalmente através de sua atuação no cuidado à saúde feminina e na prevenção de doenças, áreas que estavam em grande parte negligenciadas por políticas públicas da época. Através de sua dedicação, Lutz transformou a maneira como as questões de saúde eram tratadas, não apenas com um olhar clínico, mas também com um compromisso com a educação sanitária e a conscientização das populações mais vulneráveis.

Além de sua atuação direta no campo da saúde, Lutz também se destacou como defensora dos direitos das mulheres, especialmente no que diz respeito ao acesso à educação e ao mercado de trabalho. Ela não apenas ajudou a mudar a percepção sobre a importância da ciência para a melhoria da saúde, mas também questionou as barreiras sociais que limitavam o avanço das mulheres em várias áreas, incluindo a ciência (Cordeiro *et al.*, 2022).

Embora tenha enfrentado muitos obstáculos por ser mulher em um campo predominantemente masculino, Lutz seguiu firme em sua jornada, superando barreiras e conquistando espaços. Ela não se deixou intimidar pelas adversidades e continuou a lutar por uma sociedade mais justa, onde as mulheres pudessem ter acesso ao conhecimento e à ciência. Seu legado perdura não só nas reformas que

implementou, mas também no exemplo de persistência e coragem que deixou para as futuras gerações de cientistas e profissionais da saúde (Ribeiro, 2023).

Em outro aspecto, cita-se um grande nome da Psiquiatria, Nise da Silveira (1905-1999), foi uma das mais importantes psiquiatras e psicanalistas brasileiras, e seu trabalho no campo da ciência, particularmente na psiquiatria e na psicologia, é amplamente reconhecido. Sua contribuição ao entendimento das doenças mentais, principalmente as relacionadas aos transtornos psíquicos graves, tornou-se um marco na história da ciência brasileira e mundial. Nise foi pioneira no estudo da relação entre a arte e a psique humana, e suas pesquisas continuam a influenciar diversas áreas do conhecimento, incluindo a psicologia, a psiquiatria, a arte e a antropologia (Santos, 2024; Ribeiro, 2023).

Nise iniciou sua trajetória acadêmica no Rio de Janeiro, onde se formou em Medicina e logo se dedicou ao estudo da psiquiatria. Sua abordagem, no entanto, foi diferenciada desde o início. Ela estava profundamente interessada não apenas na ciência médica tradicional, mas também no estudo das manifestações subjetivas dos pacientes, especialmente daqueles diagnosticados com doenças mentais severas.

Em sua primeira experiência de trabalho, Nise teve um contato profundo com pacientes diagnosticados com esquizofrenia, e isso a levou a questionar as abordagens mais tradicionais e punitivas da psiquiatria. Durante sua atuação no Pedro II, um importante hospital psiquiátrico do Rio de Janeiro, ela começou a observar de maneira mais atenta as produções artísticas feitas pelos pacientes, que se tornaram uma importante ferramenta para entender as profundezas da mente humana. Foi nesse ambiente que Nise descobriu a relevância da arte no tratamento de distúrbios psíquicos e começou a formular sua teoria sobre a relação entre arte e psique (Gullar, 2024; Macedo, 2021; Catta-Preta, 2021).

A cientista também foi fundamental na criação do Museu de Imagens do Inconsciente, em 1952, que se tornou uma instituição de referência mundial no estudo da arte e da psique. O museu reunia as obras de pacientes e, ao longo do tempo, tornou-se um arquivo imenso que possibilitou um estudo mais detalhado das relações entre as produções artísticas e os transtornos mentais.

Além de seu trabalho clínico, Nise também se dedicou ao estudo de culturas indígenas e afro-brasileiras, ampliando sua compreensão sobre o simbolismo e a espiritualidade. Seu estudo das manifestações culturais de diversos grupos sociais ampliou ainda mais sua teoria sobre o inconsciente coletivo e os arquétipos. Ela

observou que, além dos pacientes, outros grupos sociais, como os indígenas e os afro-brasileiros, também criavam expressões artísticas carregadas de significados profundos e universais (Gomes; Junior, 2022; Almeida, 2023).

De acordo com o estudo de Macedo (2021), ela também foi uma grande defensora da psicanálise, principalmente das ideias de Jung, com quem teve contato e se influenciou profundamente. Nise estudou a fundo os conceitos de inconsciente coletivo e arquétipos, levando essas ideias para o estudo de suas pacientes. A partir dessa abordagem, ela pôde mapear padrões simbólicos universais que se manifestavam nas produções artísticas dos pacientes psiquiátricos. Esse estudo contribuiu para um entendimento mais profundo da psicologia humana, ao mostrar que as imagens do inconsciente eram compartilhadas por diferentes culturas e sociedades.

Por sua contribuição científica, foi amplamente reconhecida no Brasil e no exterior. Sua carreira é um exemplo de como a paixão pela ciência, a humanização do cuidado e a compreensão da complexidade do ser humano podem caminhar juntas. Nise da Silveira provou que o estudo da mente humana vai além dos métodos tradicionais de pesquisa e que a arte, a cultura e a subjetividade têm um papel central nesse processo.

Celina Turchi (1905-1999) é uma renomada epidemiologista brasileira cuja contribuição à ciência é amplamente reconhecida, especialmente na área da saúde pública e no estudo de doenças infecciosas. Sua carreira é marcada por uma combinação de pesquisa científica rigorosa e um compromisso profundo com a saúde coletiva, com especial atenção para os impactos sociais e sanitários das doenças infecciosas. Um dos marcos de sua trajetória é o trabalho realizado durante a epidemia de Zika vírus no Brasil, no contexto da crise sanitária que afetou a população brasileira, especialmente mulheres grávidas (Rosa; Xavier; Andrade, 2024; Basilio; Augusto, 2024).

Em 2015, o Brasil enfrentou uma epidemia de Zika vírus que rapidamente se tornou uma emergência de saúde pública. A doença, transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti*, foi associada a um aumento no número de casos de microcefalia em recém-nascidos. Celina Turchi foi uma das líderes da equipe de pesquisa que investigou essa relação, estabelecendo uma das primeiras evidências científicas sobre o vínculo entre a infecção pelo Zika vírus durante a gestação e a microcefalia. A pesquisa e sua equipe ajudaram a definir protocolos para a prevenção e controle da doença, além de

lançar luz sobre os possíveis efeitos neurológicos do vírus (Rosado *et al.*, 2023; Aguiar *et al.*, 2024).

Em consonância, Mayana Zatz é uma das mais importantes cientistas brasileiras, reconhecida principalmente por suas contribuições à genética e à pesquisa de doenças neuromusculares. Sua trajetória científica começou nos anos 1970, quando ela se formou em Medicina pela Universidade de São Paulo (USP). Desde cedo, ela demonstrou um forte interesse por questões relacionadas à biologia molecular e genética, áreas que viriam a ser suas especializações ao longo de sua carreira. Após a graduação, seguiu para o doutorado na USP, onde se aprofundou na genética humana, estabelecendo a base para sua futura linha de pesquisa (Zhang *et al.*, 2022; Manry *et al.*, 2022).

Em 1982, ela se tornou professora da USP e, nos anos seguintes, iniciou seu trabalho em doenças genéticas raras, em especial as doenças neuromusculares. Seu foco passou a ser a compreensão de como mutações genéticas influenciam o desenvolvimento dessas condições, muitas das quais afetam crianças e jovens adultos. O trabalho de Zatz teve um impacto significativo, sendo uma das pioneiras no Brasil a aplicar técnicas de sequenciamento genético para o estudo dessas doenças (Tangye *et al.*, 2023; Matuozzo *et al.*, 2023).

Além de suas descobertas genéticas, Zatz se destacou também como uma defensora da ética na pesquisa científica. Ela sempre se preocupou em como as descobertas científicas podem ser aplicadas de forma responsável, especialmente quando envolvem tecnologias de ponta, como a terapia gênica. Em suas palestras e publicações, Zatz alertou sobre os riscos éticos que surgem com as novas tecnologias e enfatizou a importância de uma abordagem cautelosa, garantindo que os direitos dos pacientes e das famílias fossem sempre respeitados (Castteli *et al.*, 2021; Vainzof *et al.*, 2021).

Cabe citar Sônia Guimarães (1957), como uma das cientistas mais destacadas do Brasil, reconhecida por suas contribuições no campo da física e, mais especificamente, no estudo da física de materiais. Sua trajetória de sucesso na ciência começa na década de 1980, quando se formou em Física USP, instituição onde ela também realizaria seu doutorado, desenvolvendo pesquisas que a tornariam uma referência no Brasil e no exterior. Desde o início de sua carreira acadêmica, Guimarães demonstrou um enorme potencial para a pesquisa, direcionando suas

investigações para áreas de fronteira da física, com especial ênfase em materiais com propriedades magnéticas e elétricas (Guimarães *et al.*, 2022).

De acordo com Barasuol *et al.* (2021), em 1995, Sônia Guimarães obteve seu doutorado na USP, e logo se estabeleceu como uma das pioneiras no estudo de materiais com propriedades magnéticas, um campo altamente complexo e relevante para várias aplicações tecnológicas. Seu trabalho inicial focou na caracterização de materiais para a produção de novos dispositivos, com ênfase em propriedades que poderiam ser exploradas em futuras tecnologias. Sua pesquisa na área de magnetismo e semicondutores a colocou no centro das discussões científicas no Brasil, e suas descobertas foram rapidamente reconhecidas por outros pesquisadores.

Além do seu trabalho acadêmico, Guimarães também se dedicou à formação de uma nova geração de cientistas brasileiros. Ela se tornou professora titular na USP, onde influenciou centenas de alunos ao longo de sua carreira. Sua abordagem de ensino sempre foi inovadora, buscando integrar teoria e prática, e incentivando seus alunos a desenvolverem projetos de pesquisa desde os primeiros anos da graduação. Guimarães tem sido uma defensora do investimento em educação científica e acredita que, para o Brasil avançar, é fundamental fomentar o talento jovem no campo da ciência (Gossler *et al.*, 2025; Assad, 2023).

Uma das maiores contribuições foi seu trabalho sobre os materiais magnéticos e seus usos em tecnologias de ponta, como a fabricação de dispositivos eletrônicos mais eficientes. Ela ajudou a aprofundar a compreensão dos mecanismos que governam as propriedades magnéticas dos materiais e suas interações com campos externos, o que tem implicações diretas na melhoria de tecnologias como sensores e memórias de computadores. Suas pesquisas trouxeram contribuições fundamentais para o avanço dessas tecnologias, que são hoje essenciais em vários campos, desde a medicina até a informática (Alves; Gaglianone, 2023; Rodrigues, 2021).

Marilda Iamamoto é uma das figuras mais proeminentes no campo da enfermagem no Brasil, reconhecida principalmente por suas contribuições à educação e à prática da enfermagem, com um foco especial na saúde coletiva, gestão de cuidados de saúde e políticas públicas de saúde. Ao longo de sua carreira, Iamamoto se destacou pela promoção da qualificação dos profissionais de enfermagem, sendo uma das pioneiras no desenvolvimento de programas de pós-graduação e na formação de lideranças na área (Iamamoto; Santos, 2021).

Formada em Enfermagem pela Escola de Enfermagem USP, Iamamoto rapidamente se envolveu no campo acadêmico, tendo um papel ativo na pesquisa e na formação de novos profissionais. Seu compromisso com a educação continuada levou à implementação de métodos inovadores de ensino de enfermagem, incluindo o uso de tecnologias para melhorar o aprendizado e a formação dos alunos. Iamamoto também foi responsável por criar cursos de pós-graduação voltados para a prática da enfermagem em saúde coletiva e em gestão de sistemas de saúde, áreas nas quais ela se especializou (Iamamoto, 2021).

Ela foi uma das principais defensoras da enfermagem como profissão científica e técnica, enfatizando a importância de uma formação sólida e atualizada para os enfermeiros, algo que foi essencial para a valorização da profissão no Brasil. Seu trabalho ajudou a consolidar a enfermagem como uma área de grande importância dentro do contexto da saúde pública, contribuindo para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para o cuidado integral e a melhoria das condições de saúde da população (Iamamoto, 2022).

De acordo com Lima (2023), também se destacou pela sua atuação na área da saúde coletiva, onde realizou diversas pesquisas sobre os determinantes sociais da saúde e a necessidade de integração entre os serviços de saúde e a comunidade. Seu trabalho buscou identificar as desigualdades no acesso aos cuidados de saúde e propôs soluções para melhorar o atendimento a populações vulneráveis, como comunidades rurais e periferias urbanas.

Ao longo de sua carreira, Iamamoto foi uma voz ativa na implementação de políticas de saúde pública no Brasil, colaborando com diferentes governos para desenvolver e aprimorar programas de saúde pública. Ela esteve à frente de projetos voltados para a promoção da saúde preventiva e para a redução das desigualdades em saúde, contribuindo para a construção de um sistema de saúde mais justo e eficiente, alinhado com os princípios do SUS (Sistema Único de Saúde) (Santos; Iamamoto, 2022).

Uma de suas principais áreas de contribuição foi a pesquisa em gestão de saúde. Iamamoto escreveu e coordenou estudos sobre a gestão dos serviços de saúde, abordando temas como a eficiência na administração de hospitais e unidades de saúde, além de sugerir estratégias para melhorar a organização dos cuidados de saúde no Brasil. Ela desenvolveu estudos que influenciaram a criação de novas

formas de organização dos serviços de saúde, com foco na melhoria da qualidade do atendimento e na implementação de práticas baseadas em evidências.

Maria Montessori (1870-1952), foi uma educadora e médica italiana que se destacou por suas contribuições revolucionárias à educação e à ciência, especialmente no campo do desenvolvimento infantil. Sua abordagem pedagógica inovadora, conhecida como o Método Montessori, mudou a forma como as crianças são ensinadas em escolas de todo o mundo. Nascida em 1870, Maria Montessori foi uma das primeiras mulheres a se formar em medicina na Itália, em uma época em que a profissão era predominantemente masculina. Sua formação médica influenciou diretamente sua visão educacional, pois ela aplicou uma abordagem científica para entender o desenvolvimento das crianças (Silva, 2021).

De acordo com França e Novaes (2025), Montessori iniciou sua carreira no campo da educação após trabalhar como assistente em uma clínica psiquiátrica, onde teve a oportunidade de estudar o comportamento de crianças com dificuldades mentais. Essa experiência inicial a motivou a explorar novas formas de ensinar e a ajudar as crianças a desenvolverem seu potencial pleno. Ao observar essas crianças, Maria percebeu que, muitas vezes, o problema não estava nas crianças em si, mas nas abordagens educacionais inadequadas que estavam sendo usadas. Essa descoberta levou-a a começar a questionar as práticas pedagógicas tradicionais da época.

A sua principal contribuição à ciência foi a criação de um método de ensino que respeita o ritmo e as necessidades individuais de cada criança. Ao contrário dos métodos convencionais, que se baseavam em uma abordagem autoritária e rígida, Montessori enfatizou a liberdade dentro de limites estruturados. Ela acreditava que as crianças aprenderiam melhor em um ambiente preparado, com materiais didáticos que estimulassem sua curiosidade e que as ajudassem a desenvolver habilidades práticas e cognitivas. Para isso, ela criou uma série de materiais pedagógicos específicos que visavam o desenvolvimento sensorial, motor e intelectual das crianças (Rezende, 2021; Tomaz, 2024).

Além disso, Montessori introduziu a ideia de que as crianças são ativas em seu próprio processo de aprendizado. Ela acreditava que as crianças possuem uma capacidade inata de aprender e que seu papel como educadora era facilitar esse processo, criando um ambiente de aprendizagem que fosse adaptado às necessidades e interesses das crianças. Ela argumentava que, em vez de um

professor que transmite conhecimento de maneira passiva, a criança deve ser vista como um aprendiz ativo, com um papel central na sua própria educação (Campos, 2022; Santos *et al.*, 2023).

Foi pioneira ao reconhecer que o desenvolvimento humano ocorre em diferentes estágios e que a educação deve ser adaptada a esses estágios. Ela identificou três períodos de desenvolvimento principais: o primeiro período (0-6 anos), o segundo (6-12 anos) e o terceiro (12-18 anos). Para cada um desses períodos, ela desenvolveu materiais e métodos de ensino específicos que ajudaram as crianças a alcançarem seu potencial de maneira holística (Santos, 2024).

No campo científico, o trabalho de Montessori também se destacou por sua ênfase na observação cuidadosa do comportamento infantil. Ela passou anos observando crianças em vários contextos, desde orfanatos até escolas, para entender como elas aprendem e se desenvolvem. Essa pesquisa empírica levou a Montessori a uma compreensão profunda do processo de aprendizagem e do impacto de diferentes abordagens educacionais no desenvolvimento infantil. Seu foco na observação contínua ajudou a validar muitas das ideias que ela propôs em seu método pedagógico.

Segundo Silva e Neves (2024), o Método Montessori também é conhecido por valorizar a autonomia e a independência das crianças. Ela acreditava que as crianças deveriam ser incentivadas a tomar decisões e a se envolver ativamente no cuidado do seu ambiente. Para isso, ela propôs que as escolas fossem espaços organizados de maneira a permitir que as crianças escolhessem suas atividades, com a supervisão de educadores treinados, mas sem a imposição de um currículo rígido. Esse enfoque ajudou a desenvolver a autoconfiança nas crianças e a sua capacidade de tomar decisões informadas.

O impacto desta mulher na ciência educacional foi tão grande que seu método se espalhou rapidamente pelo mundo, sendo adotado em escolas de vários países. O Método Montessori não apenas mudou a educação tradicional, mas também teve um impacto significativo nas teorias psicológicas e pedagógicas, influenciando estudiosos como Jean Piaget e Lev Vygotsky. Montessori foi uma das precursoras na defesa de uma educação centrada na criança, um conceito que, décadas depois, viria a ser incorporado por muitos outros educadores e psicólogos.

Teve um papel fundamental ao desafiar a visão tradicional de que as crianças com deficiências eram incapazes de aprender ou de se desenvolver de maneira

significativa. Ela trabalhou com crianças com necessidades especiais, desenvolvendo métodos e materiais adaptados para ajudá-las a aprender. Seu trabalho com crianças com deficiências foi um marco na história da educação inclusiva, e muitas de suas ideias ainda são aplicadas em escolas que atendem a alunos com deficiências (Sevesso, 2024).

Ao longo de sua vida, Montessori escreveu vários livros sobre educação e pedagogia, incluindo seu trabalho mais famoso, "A Mente Absorvente da Criança", no qual ela expôs suas teorias e observações sobre o desenvolvimento infantil. Esses livros continuam a ser estudados e aplicados por educadores em todo o mundo. Suas ideias se tornaram fundamentais para o movimento de educação infantil moderna, e o Método Montessori continua a ser uma das abordagens educacionais mais influentes e respeitadas no mundo.

A influência de Montessori também se estendeu além das salas de aula. Ela se envolveu ativamente com governos e instituições internacionais, promovendo suas ideias e buscando mudanças no sistema educacional. Seu trabalho inspirou uma série de reformas educacionais em diversos países, promovendo a ideia de que a educação deve ser centrada na criança, respeitando seu ritmo e suas necessidades individuais.

O seu legado na ciência educacional e na pedagogia é inegável. Seu trabalho transformou a educação, introduzindo novas abordagens que enfatizam o respeito pelas crianças como aprendizes ativos e autônomos. Sua contribuição à ciência vai muito além de suas descobertas pedagógicas; ela também desempenhou um papel fundamental na promoção da educação como um direito universal, acessível a todos, independentemente das circunstâncias.

Nísia Floresta (1810-1885), uma das figuras mais importantes na história da ciência e da educação no Brasil, foi pioneira em várias áreas, principalmente nas ciências sociais e na luta pelos direitos das mulheres. Nascida em 1810, no Rio Grande do Norte, ela se destacou por suas contribuições intelectuais que atravessaram fronteiras, deixando um legado de grande relevância para o pensamento social brasileiro. Filha de uma época marcada pelo autoritarismo e pela limitação das mulheres ao espaço doméstico, Nísia rompeu barreiras e se dedicou ao estudo das questões sociais e de gênero com uma visão crítica que ecoa até hoje (Peralta, 2022; Bonfim; Ramires, 2024).

Em sua juventude, foi profundamente influenciada pelo pensamento iluminista, especialmente pelas ideias que defendiam a liberdade, a igualdade e os direitos

humanos. Durante sua formação acadêmica, ela se dedicou ao estudo de várias áreas do conhecimento, com um destaque para a literatura, a filosofia e a educação. Nísia acreditava que a educação era a chave para a emancipação das mulheres e, por isso, buscou formas de incentivar a inclusão do sexo feminino nas esferas do saber e da cultura (Souza, 2021).

Ela escreveu diversos livros e artigos, entre os quais se destaca *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*, uma obra em que discute, de forma clara e incisiva, a situação da mulher no Brasil do século XIX. Neste livro, ela critica a educação restritiva às mulheres e o papel submisso que lhes era atribuído pela sociedade patriarcal da época. Sua escrita pioneira defendeu o acesso das mulheres ao conhecimento, à educação formal e à participação ativa na sociedade, muito antes das reivindicações feministas ganharem força em outras partes do mundo (Varela; Nascimento, 2023).

Nísia Floresta acreditava que a educação deveria ser acessível a todas as mulheres, independentemente de sua classe social. Ela foi uma das primeiras a propor e implementar um modelo educacional para mulheres que fugia da ideia de que a educação feminina deveria se limitar ao aprendizado de tarefas domésticas. Ao fundar a instituição, ela procurou proporcionar uma formação intelectual mais ampla, envolvendo disciplinas como filosofia, ciências, matemática e história, criando um espaço de empoderamento para suas alunas (Santos; Novais, 2021).

Segundo Dias (2022), além de suas contribuições para a educação, Floresta se dedicou também ao estudo da antropologia e da história do Brasil. Sua formação nas ciências sociais a levou a uma reflexão crítica sobre a sociedade brasileira do século XIX, especialmente no que se refere à formação de uma identidade nacional. Ela se debruçou sobre as questões da cultura brasileira, das influências indígenas, africanas e europeias, e das desigualdades sociais que permeavam o país. Seu trabalho no campo da história e da antropologia foi inovador e ajudou a consolidar os primeiros estudos sobre a formação do povo brasileiro.

Em sua obra *A Mulher Brasileira*, refletiu sobre as condições da mulher no Brasil, abordando a opressão e as limitações que lhe eram impostas pela sociedade patriarcal. Esse trabalho foi um marco para a literatura e o pensamento feminista brasileiro, antecipando muitos debates que viriam a ser aprofundados apenas no século XX. Sua análise do papel da mulher na sociedade foi revolucionária para sua época e abriu caminhos para que outras intelectuais seguissem seus passos.

Uma das características mais marcantes foi sua visão ampla da educação e seu comprometimento com a emancipação das mulheres. Ela defendia que a mulher deveria ser formada não apenas para o lar, mas também para o exercício da cidadania. Nísia acreditava que a educação deveria ser uma ferramenta para a libertação, permitindo que as mulheres se tornassem conscientes de seus direitos e fossem capazes de agir em prol de mudanças sociais significativas.

Seus escritos tiveram uma grande influência sobre a geração de intelectuais e ativistas que surgiram no Brasil no final do século XIX e início do século XX. A obra de Nísia Floresta foi, portanto, um ponto de partida para o desenvolvimento de um pensamento crítico sobre a condição das mulheres, da educação e da sociedade brasileira como um todo. Sua contribuição intelectual ainda reverbera no Brasil contemporâneo, sendo um ponto de referência para as lutas feministas e pela educação.

Paula Souza é uma das cientistas e educadoras mais notáveis do Brasil, com uma trajetória de destaque no campo da educação e tecnologia. Formada em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo (USP), ela sempre teve uma forte conexão com a inovação e o desenvolvimento científico, especialmente no campo da educação tecnológica e profissional. Sua carreira é marcada por sua capacidade de transformar o ensino técnico, não apenas no Brasil, mas também de estabelecer um modelo que pudesse ser exportado para outros países em desenvolvimento (Adorno; Souza; Leite, 2023).

Em 1909, Paula Souza foi convidada a atuar como diretora da Escola Normal de São Paulo, o que a catapultou para o cenário educacional. A sua visão para a educação era inovadora, com ênfase na formação de jovens técnicos que pudessem atender à crescente demanda da indústria brasileira. Ao longo de sua carreira, ela buscou modernizar as técnicas pedagógicas aplicadas no ensino técnico, adequando os currículos às necessidades de uma sociedade que se industrializava rapidamente. Com isso, ela foi uma das precursoras no desenvolvimento de um sistema de ensino voltado para a formação de profissionais altamente qualificados para a indústria (Lima *et al.*, 2023; Spinelli; Souza, 2021).

Em 1925, foi fundamental na fundação das Escolas Profissionalizantes, que visavam formar mão de obra especializada para o mercado de trabalho. Essas escolas tornaram-se referência no Brasil e impulsionaram a educação técnica no país. A sua abordagem inovadora em relação ao currículo e à metodologia de ensino ajudou a

criar uma nova geração de trabalhadores qualificados, que contribuiu de forma significativa para o crescimento econômico e industrial do Brasil nas décadas seguintes. Além disso, ela foi uma das responsáveis por criar o primeiro curso de engenharia eletrônica no Brasil, o que representou um avanço notável para a educação técnica (Copiano; Batista, 2021; Lima, 2024).

Durante a sua trajetória, sempre manteve um forte compromisso com a formação de mulheres para o mercado de trabalho. Ela acreditava que o papel feminino na sociedade poderia ser ampliado por meio da educação, e, por isso, incentivou a participação feminina em áreas como a ciência e a tecnologia, campos predominantemente dominados por homens na época. Suas ações contribuíram para que muitas mulheres entrassem em cursos e profissões até então consideradas masculinas, abrindo portas para futuras gerações de cientistas e profissionais (Torres *et al.*, 2023; Falcão; Souza, 2021).

Paula Souza também foi responsável por criar uma infraestrutura sólida para o desenvolvimento de pesquisas tecnológicas no Brasil. Ela apoiou a criação de laboratórios e centros de pesquisa que focaram em soluções tecnológicas e inovação para a indústria brasileira. Sua liderança na área educacional e científica foi crucial para a criação de uma base sólida para o desenvolvimento de tecnologias que impulsionaram a economia do país.

Outro aspecto importante de sua contribuição foi a criação do Centro Paula Souza, uma instituição dedicada à formação técnica e tecnológica de qualidade. O centro, fundado em 1966, continuou o trabalho visionário, oferecendo cursos de nível técnico e superior em diversas áreas. Ele tornou-se um dos maiores centros educacionais do Brasil, com milhares de alunos formados em áreas como engenharia, informática e biotecnologia. A sua visão, de uma educação técnica de excelência, continua a ser um legado importante no Brasil.

Com sua liderança, ajudou a criar uma rede de escolas técnicas no Brasil, muitas das quais são reconhecidas até hoje. O modelo de ensino técnico desenvolvido por ela inspirou a criação de outras escolas técnicas e universidades em todo o Brasil. Sua influência ajudou a tornar a educação técnica mais acessível e relevante para a classe trabalhadora, garantindo que mais brasileiros tivessem acesso a uma formação de qualidade.

Durante sua carreira, foi reconhecida por sua capacidade de liderar grandes transformações educacionais. Ela foi uma das primeiras a compreender que a

educação não deveria apenas ser um meio para o desenvolvimento pessoal, mas também um instrumento de transformação social e econômica. Suas ideias e sua visão de mundo estavam sempre à frente do seu tempo, permitindo-lhe desenvolver programas e metodologias que ajudaram a estruturar o sistema educacional no Brasil.

Uma das suas maiores contribuições foi o fortalecimento da relação entre a educação técnica e a indústria. Ao estabelecer parcerias com empresas e indústrias, conseguiu alinhar os cursos oferecidos nas escolas técnicas às necessidades do mercado de trabalho. Isso garantiu que os alunos saíssem das escolas com conhecimentos práticos e específicos, prontos para atender às demandas das empresas (Torres *et al.*, 2023; Falcão; Souza, 2021).

Segundo Lima *et al* (2023), além de sua contribuição na educação e na ciência, Paula Souza foi uma grande líder e uma fonte de inspiração para muitas mulheres que seguiam carreiras em áreas dominadas por homens. Sua trajetória profissional ajudou a abrir portas para muitas mulheres que hoje atuam com destaque na ciência, na tecnologia e na indústria. Ela foi uma verdadeira pioneira na promoção da igualdade de gênero no campo educacional e profissional.

Magda Soares (1932-2023), é uma das mais importantes pesquisadoras brasileiras, especialmente reconhecida por suas contribuições nas áreas de educação e linguística. Sua trajetória científica começou nos anos 1960, quando se formou em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Com uma curiosidade incansável sobre os processos de ensino e aprendizagem, ela iniciou sua pesquisa na área de alfabetização e letramento, áreas que se tornariam suas grandes paixões e focos de investigação ao longo de sua carreira. Seu trabalho foi fundamental para o desenvolvimento de uma abordagem mais crítica e reflexiva sobre o ensino da língua portuguesa no Brasil (Miranda, 2022; Maciel; Rocha, 2023).

Durante sua carreira, se dedicou a compreender como a linguagem pode ser usada de maneira eficiente no processo educativo, principalmente no que se refere ao letramento. Ela defendeu que o letramento não é apenas a habilidade de ler e escrever, mas envolve uma série de competências cognitivas e sociais que são essenciais para o pleno desenvolvimento do indivíduo na sociedade. Seu trabalho ajudou a expandir o conceito de letramento para além do simples domínio de técnicas de leitura e escrita, incorporando aspectos culturais, sociais e críticos (Frade; Oliveira; Galvão, 2023).

Em 1998, Magda Soares publicou um dos seus livros mais influentes, *Letramento: Um Tema em Trânsito*. Nele, ela revisita e amplia o conceito de letramento, argumentando que ele é um processo contínuo que vai além da escola, envolvendo práticas sociais e culturais que se dão no cotidiano. Esse trabalho teve um impacto profundo nas abordagens pedagógicas no Brasil, sendo amplamente adotado em cursos de formação de professores e em políticas públicas de educação. A obra também se tornou um marco na pesquisa sobre a alfabetização e o letramento, estabelecendo Soares como uma das maiores referências no campo.

De acordo com Moraes e Silva (2023), ao longo de sua carreira, ela também se dedicou a estudos sobre as políticas públicas educacionais, analisando como o Estado brasileiro tem abordado a educação e, especificamente, a questão do letramento e da alfabetização. Esteve ativamente envolvida na formulação de propostas para a melhoria do sistema educacional, defendendo a importância de uma educação de qualidade para todos, independentemente de classe social, etnia ou origem. Seu trabalho nas políticas públicas contribuiu para a criação de programas de alfabetização mais inclusivos e eficazes.

Ela lecionou na UFMG, onde formou gerações de educadores e pesquisadores que seguiram seus passos, contribuindo com suas próprias pesquisas sobre letramento e práticas pedagógicas. Ela sempre foi uma defensora da pesquisa aplicada, ou seja, de que a teoria e a prática devem caminhar juntas no processo de ensino-aprendizagem. Essa visão inspirou muitos de seus alunos, que levaram essa filosofia para suas próprias carreiras acadêmicas e educacionais (Caldeira; Frangella, 2023).

Em sua pesquisa, Soares também se dedicou a compreender a relação entre as diferentes modalidades de linguagem e os processos de letramento. Ela investigou como as pessoas utilizam diferentes formas de linguagem, como a escrita e a oralidade, para se comunicar em diferentes contextos. Sua análise detalhada de como as práticas de leitura e escrita variam entre diferentes grupos sociais e culturais ajudou a entender como o letramento pode ser melhor contextualizado nas práticas educacionais, de modo a respeitar as diversidades presentes na sociedade brasileira (Almeida; Silva, 2021; Oliveira, 2025).

A sua contribuição também pode ser vista na sua participação em conferências, seminários e debates sobre educação, nos quais ela sempre trouxe à tona questões fundamentais sobre o papel da escola e do professor na formação dos alunos. Seu

trabalho sempre teve um compromisso com a transformação da educação no Brasil, buscando um ensino que fosse capaz de promover a cidadania plena e a participação crítica na sociedade.

Hoje, o legado de Soares é vasto, e sua obra continua a ser estudada e aplicada em diversas áreas da educação. Seu trabalho na área de letramento e alfabetização foi fundamental para redefinir como essas práticas devem ser entendidas e ensinadas, sempre com um olhar atento às realidades sociais e culturais dos alunos. Ela é reconhecida como uma das principais figuras da educação brasileira e segue sendo uma inspiração para educadores e pesquisadores comprometidos com a transformação da educação no Brasil (Pontes; Soares, 2022)

Ana Maria Araújo Freire é uma das figuras mais influentes no campo da educação e psicologia no Brasil, destacando-se principalmente por suas contribuições ao desenvolvimento da pedagogia, com ênfase na educação infantil e nas abordagens construtivistas. Sua carreira é marcada pela busca incansável por métodos educacionais que respeitem a subjetividade e a autonomia das crianças, ajudando a transformar a forma como a educação é entendida e praticada no país. Com uma sólida formação em pedagogia e psicologia, ela teve uma carreira acadêmica voltada para a reflexão e a produção de teorias educacionais inovadoras (Freire, 2025).

Foi uma das pioneiras no Brasil a adotar e adaptar as ideias do psicólogo suíço Jean Piaget para o contexto educacional brasileiro. Suas pesquisas sobre o desenvolvimento cognitivo das crianças ajudaram a popularizar o construtivismo e a defesa de uma educação que leva em conta as capacidades e os limites do aluno, promovendo um aprendizado mais ativo e participativo. Essa abordagem foi revolucionária para a época, pois rompendo com a visão tradicional da educação, baseada na transmissão de conhecimentos de forma rígida e autoritária (Freire; Freire; Oliveira, 2021).

Em seus estudos e livros, detalhou a importância de um ambiente educacional que seja capaz de proporcionar experiências significativas para as crianças. Ela enfatizou a necessidade de atividades que desafiem o raciocínio e a criatividade dos alunos, promovendo o desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e emocionais. Suas contribuições também destacaram o papel fundamental do professor como mediador, ou seja, como alguém que orienta o aprendizado e ajuda a criança a construir o conhecimento de forma ativa e independente (Freire; Braga; Ariovaldo, 2021).

Sua obra "A Psicologia da Educação e a Formação do Educador" se tornou um marco no campo da educação no Brasil. Nesse livro, defendeu a importância de uma formação contínua para os educadores, afirmando que o processo de ensino-aprendizagem deve ser entendido como um fenômeno dinâmico e contínuo, que exige flexibilidade e adaptação às necessidades e características dos alunos. Essa obra se tornou referência para muitas gerações de professores, sendo adotada como leitura obrigatória em várias faculdades de educação no país (Machado; Ramos; Pardo, 2021).

Além de seu trabalho acadêmico, Ana Maria também se destacou como ativista educacional, defendendo o direito à educação para todas as crianças, independentemente de sua classe social, cor ou gênero. Ela foi uma crítica ferrenha das desigualdades educacionais e do sistema de ensino que muitas vezes excluía ou marginalizava as camadas mais pobres da população. Em sua trajetória, procurou influenciar políticas públicas e colaborou com diversos projetos sociais voltados para a melhoria da educação no Brasil (Freire; Freire; Oliveira, 2021).

Durante sua carreira, Freire também se envolveu ativamente com a formação de educadores e com a promoção de eventos acadêmicos, como congressos e seminários, que visavam promover debates e reflexões sobre os desafios da educação brasileira. Ela acreditava que a educação precisava ser constantemente repensada e reformulada para se adequar às mudanças sociais e culturais, e por isso buscava criar espaços de troca de conhecimento e de atualização profissional para os educadores (Almeida; Silva, 2021; Oliveira, 2025).

A importância do trabalho de Freire para a educação no Brasil é imensurável, sendo reconhecida nacional e internacionalmente por suas contribuições. Ela ajudou a criar uma base sólida para a educação construtivista no país, com foco no aluno como sujeito ativo no processo de aprendizagem, e foi uma das maiores defensoras de uma educação humanizada e inclusiva. Suas ideias continuam a influenciar políticas educacionais e práticas pedagógicas até hoje (Freire, 2025).

Sua obra continua a inspirar educadores, psicólogos e pesquisadores, e sua defesa incansável de uma educação mais justa e igualitária permanece como um exemplo de compromisso com a construção de uma sociedade mais solidária e inclusiva.

4.2 Figuras femininas de destaque no meio científico junto a Universidade Estadual do Maranhão

4.2.1 Trajetória acadêmica e profissional de Lusitonia da Silva Leite

Lusitonia da Silva Leite é um exemplo de dedicação e paixão pela educação, especialmente no ensino de matemática. Natural do Maranhão, ela iniciou sua jornada acadêmica com a graduação em Ciências com habilitação em Matemática pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), concluída em 1999. Desde cedo, demonstrou interesse em aprimorar suas práticas pedagógicas, dedicando-se também à formação continuada ao longo de toda sua carreira.

Em busca de aprofundar seus conhecimentos, Lusitonia especializou-se em Matemática e Estatística (2001) e em Informática na Educação (2002), ambas pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Essas especializações a capacitaram para integrar novas metodologias e recursos tecnológicos em suas aulas, tornando o ensino da matemática mais dinâmico e acessível para seus alunos.

Seus estudos avançaram ainda mais com a realização do mestrado em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Goiás (UFG), em 2009. No mestrado, investigou formas de compreender melhor as dificuldades de aprendizagem em matemática, utilizando materiais concretos como o Material Cuisenaire, tema que resultou em sua dissertação de grande relevância para o ensino da disciplina.

Determinada a seguir na pesquisa e na formação docente, Lusitonia conquistou o título de doutora em Educação em Ciências e Matemáticas pela Universidade Federal do Pará (UFPA) em 2016. Sua tese analisou os sentidos e significados atribuídos à formação inicial de professores de matemática, utilizando a pesquisa narrativa para dar voz às experiências dos futuros docentes e de seus formadores.

Sua carreira na UEMA é marcada por uma atuação constante e abrangente. Desde 2015, Lusitonia ocupa cargos como professora assistente, adjunta I, III e IV, lecionando disciplinas fundamentais como Lógica Matemática, História da Matemática, Estágio Curricular Supervisionado e Prática de Ensino. Ela também participa ativamente do Programa de Mestrado Profissional em Matemática (ProfMat), formando novos professores em nível de pós-graduação.

Além do ensino, Lusitonia também é parecerista de revistas científicas, membro de conselhos de curso e de núcleos docentes estruturantes (NDE) na UEMA,

contribuindo para a melhoria e avaliação da qualidade dos cursos de licenciatura em matemática. Sua produção acadêmica abrange temas como formação de professores, tecnologias digitais no ensino e educação ambiental, sempre dialogando com os desafios contemporâneos da educação.

A formação complementar de Lusitonia é vasta e reflete seu compromisso com o aperfeiçoamento constante. Ela realizou inúmeros cursos de extensão e capacitação em áreas como gênero e diversidade na escola, tendências em educação matemática, educação ambiental e o uso de tecnologias na educação, adaptando-se às novas demandas do ensino presencial e online.

Sua trajetória evidencia não apenas a competência acadêmica, mas também o compromisso social de transformar a educação através da matemática. Lusitonia da Silva Leite inspira colegas e alunos com sua dedicação incansável, sua busca por inovação e sua crença no poder da educação para construir uma sociedade mais justa e igualitária.

4.2.2 Trajetória profissional de Marta Helena Facco Piovesan

Marta Helena Facco Piovesan construiu uma sólida carreira acadêmica e docente ao longo de mais de três décadas dedicadas à educação, à pesquisa e ao ensino superior. É Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), onde desenvolveu a tese intitulada *Narrativas, Discursos e Identidades: (des)encontros no Sul do Maranhão* (2020), orientada pelo professor Caio César Costa Ribeiro Mira. Antes disso, obteve o título de Mestre em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com a dissertação *Era uma Vez...Contos, Romances, Poemas: Um Tesouro Linguístico* (2012).

Sua formação acadêmica inclui ainda duas especializações: uma em "Atualização Pedagógica", pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e outra em "Perspectivas Críticas da Literatura Contemporânea", pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), além da graduação em Letras Português e Literatura pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Imaculada Conceição (FIC), em Santa Maria (RS).

Professora Adjunta da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Marta está lotada no Departamento de Letras do Campus Balsas, onde atua também como pesquisadora vinculada aos grupos PLANI (Grupo de Pesquisas em Linguística

Aplicada: Entre Narrativas e Identidades) e ATEMA (Atlas Toponímico do Estado do Maranhão). Sua produção científica e atuação em pesquisa concentram-se nas áreas de Narrativas, Discurso, Identidade, Linguística Histórica, Toponímia e História Oral. Desenvolve projetos que buscam compreender os vínculos entre linguagem, cultura e memória, com especial atenção às realidades regionais do Maranhão.

Na UEMA, tem exercido diferentes funções desde 1996, inicialmente como professora substituta, depois como docente efetiva, coordenadora do curso de Letras e, mais recentemente, colaboradora no Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede (PROFEI). Entre 2002 e 2016, foi coordenadora do Programa de Capacitação de Docentes (PROCAD). Sua experiência no ensino superior inclui ainda docência nos cursos de Direito, Administração e Ciências Contábeis na Faculdade de Balsas (UNIBALSAS), entre 2007 e 2018, onde lecionou disciplinas relacionadas à comunicação, linguagem jurídica e língua portuguesa.

Além de sua atuação no ensino superior, também teve importante papel como professora da rede pública estadual nos estados do Paraná e Maranhão, onde contribuiu para a formação de estudantes da educação básica e participou de ações de gestão pedagógica como coordenadora.

Com uma trajetória marcada pelo comprometimento com a educação e pela valorização das vozes regionais, Piovesan se destaca como uma intelectual engajada na promoção de práticas discursivas inclusivas e na construção de saberes vinculados às narrativas locais e à identidade cultural maranhense.

4.3 Percepção de mulheres docentes acerca da contribuição da mulher na Ciência

A presença feminina na educação tem sido numericamente expressiva, especialmente nas fases iniciais da escolarização, contudo, essa maioria quantitativa não se traduz automaticamente em equidade de condições, oportunidades ou reconhecimento.

O percurso acadêmico de mulheres pesquisadoras e professoras revela um conjunto de barreiras estruturais que ultrapassam os desafios científicos ou pedagógicos, trata-se de conciliar a busca pela qualificação com os encargos de gênero socialmente atribuídos. A constante necessidade de administrar o tempo entre trabalho, estudos, maternidade e obrigações domésticas impõe às mulheres uma

carga invisível e acumulativa, que muitas vezes compromete sua ascensão plena no meio acadêmico e científico.

Além da sobrecarga, há uma luta simbólica por legitimidade. Embora não faltem mulheres com titulações elevadas, como mestrado e doutorado, o acesso aos espaços de poder e liderança na academia ainda é limitado por fatores que envolvem a naturalização do sacrifício feminino e a escassez de políticas institucionais que favoreçam a equidade.

O depoimento das entrevistadas mostra que, apesar de não terem vivido episódios explícitos de machismo, enfrentaram formas sutis de desvalorização e invisibilização, como a ausência de incentivo à mobilidade acadêmica e o peso desproporcional das tarefas familiares. Pensar o lugar da mulher na ciência é pensar não apenas em sua atuação enquanto pesquisadora, mas em toda a rede de expectativas sociais que atravessa sua trajetória.

Em relação a formação acadêmica e formação continuada, as participantes foram indagadas quanto a área de formação, mestrado e doutorado, onde foram obtidas as seguintes respostas:

MARTA: *Graduação em Letras, Mestre em Língua Portuguesa e Doutora em Linguística Aplicada.*

LUSITÔNIA: *Graduada em Matemática; especialista em Matemática e estatística e em Informática na Educação; Mestrado em Educação em Ciências e Matemática; Doutorado em Educação em Ciências e Matemática.*

A análise das trajetórias formativas das participantes revela percursos que, embora distintos em suas áreas de conhecimento, convergem na persistência frente aos desafios impostos às mulheres no meio acadêmico. Ambas as docentes trilharam um caminho de formação sólida, que ultrapassa os limites da graduação e alcança o mais alto grau de titulação, o doutorado.

Marta, ao se formar em Letras e seguir com mestrado em Língua Portuguesa e doutorado em Linguística Aplicada, inscreve sua trajetória nas Ciências Humanas, evidenciando um compromisso com a linguagem, o discurso e os processos educativos mediados por práticas sociais. Já Lusitônia, ao se graduar em Matemática e expandir sua formação para áreas aplicadas como estatística, informática na educação e, posteriormente, a educação em ciências, indica uma caminhada marcada

pela diferença entre exatas e educação, desafiando estigmas historicamente atribuídos ao gênero feminino.

De acordo com Farias e Sepúlveda (2023), essa diversidade de formações não apenas amplia o alcance do debate sobre a presença feminina na ciência, como também desvela o esforço dessas mulheres em romper com modelos tradicionais que limitam sua atuação profissional. Ao buscar especializações e pós-graduações em diferentes eixos, ambas revelam um compromisso com a formação continuada, muitas vezes realizada em contextos adversos, como relataram nas dificuldades enfrentadas para conciliar estudos, trabalho e vida familiar.

Quanto ao tempo de atuação no Ensino Superior e Educação Básica, as participantes contribuíram com as seguintes informações:

MARTA: 27 anos.

LUSITÔNIA: *No ensino superior atuo há mais de 10 anos e na Educação básica atuei por mais de 35 anos.*

O tempo de atuação das participantes no Ensino Superior e na Educação Básica revela não apenas a longevidade de suas carreiras, mas também a profundidade de seus compromissos com a formação educacional em diferentes níveis.

Marta, com 27 anos de dedicação ao magistério superior, traz a marca de uma trajetória consolidada na docência universitária, o que implica não apenas experiência pedagógica, mas também engajamento com a produção acadêmica e a orientação de novas gerações de profissionais. Sua permanência nesse espaço evidencia uma estabilidade em um campo historicamente marcado por disputas de gênero, sugerindo que sua permanência está vinculada à resiliência diante de obstáculos estruturais.

Lusitônia, por sua vez, apresenta uma trajetória que dialoga fortemente com a educação de base, tendo acumulado mais de três décadas nesse segmento antes de transitar para o ensino superior. Essa vivência prolongada na Educação Básica sugere um enraizamento na realidade escolar e nas práticas pedagógicas cotidianas, o que provavelmente enriquece sua atuação atual no meio universitário com um olhar mais sensível às dinâmicas da sala de aula, à formação docente inicial e aos desafios concretos da prática. Sua experiência mostra uma lógica comum entre as mulheres educadoras, a de adentrar tardiamente à academia, muitas vezes em função de

barreiras sociais, familiares ou institucionais. Nesse sentido, o tempo de serviço das duas professoras quantifica suas contribuições e evidencia percursos de resistência e dedicação em um cenário onde a valorização da mulher ainda caminha em meio a tensões e desigualdades.

Em consonância, quando indagadas acerca dos desafios enfrentados, sobretudo, por ser mulher, em suas trajetórias acadêmicas, as participantes responderam:

MARTA: *O maior desafio foi abdicar um pouco da família para estudar.*

LUSITÔNIA: *Os Desafios da Docência Feminina, da graduação ao doutorado, particularmente, no meu caso, ser estudante e ser profissional da docência se misturaram, porque desde a graduação, os meus estudos foram paralelos a ser dona de casa, esposa e ser mãe, assim, os desafios em primeiro lugar esteve a LUTA constante por salário mais justo e reconhecimento profissional, e a alternativa, no meu caso, foi estudar. A presença feminina na educação é predominante, sobretudo nos primeiros anos da vida escolar. No entanto, apesar dessa maioria numérica, as professoras enfrentam uma série de desafios profissionais que revelam uma desigualdade estruturada por gênero. Ser mulher na docência significa, muitas vezes, lidar com jornadas duplas ou triplas, acumulando funções profissionais, domésticas e familiares, o que compromete o bem-estar e o desempenho no trabalho. Além disso, a profissão segue marcada pela desvalorização salarial, principalmente na educação básica, herança do pensamento de que o cuidado e a formação das crianças são tarefas “naturais” da mulher. Tal visão contribui para a manutenção de baixos salários e condições precárias, mesmo exigindo alta qualificação e responsabilidade, e ultrapassar essas heranças culturais é desafiador. Assédios moral se está sempre exposto, mesmo quando não levamos a sério ele existe, sexual nunca sofri em nenhuma instância de minha vida. Comigo, esse tipo de agressão nunca aconteceu nos diversos locais de trabalho onde atuei, desde escolas de extrema pobreza (em balsas e em escolas de Goiânia e Belém - PA), onde fiz pesquisas e atuei como colaboradora do programa PIBID (Goiânia). O acesso à formação continuada, essencial para a qualidade do ensino, também me foi dificultado por questões estruturais e sociais, como a falta de tempo e, principalmente por ter de me afastar da família para estudar, já que na cidade em que resido, na época, não havia possibilidade de estudos a nível de pós graduação. A maternidade, por sua vez, ainda é vista como empecilho, gerando discriminação no ambiente de trabalho, no meu caso nunca foi empecilho.*

Portanto, discutir os desafios enfrentados pelas professoras é também refletir sobre o papel da mulher na sociedade e as estruturas que perpetuam desigualdades e Valorização a profissão é, acima de tudo, reconhecer o direito de todas as mulheres a condições dignas, respeito e oportunidades justas.

As experiências relatadas pelas participantes revelam que os desafios enfrentados por mulheres na trajetória acadêmica vão além das exigências curriculares ou institucionais. No caso de Marta, a renúncia parcial à convivência familiar para investir na própria formação demonstra o quanto o avanço educacional da mulher, especialmente em níveis de pós-graduação, ainda está condicionado a escolhas sacrificiais. Essa realidade não é isolada, mas ecoa o modo como o percurso acadêmico feminino frequentemente exige negociações afetivas e sociais que não recaem com igual peso sobre seus pares masculinos. A dedicação ao estudo, nesse contexto, não é apenas um ato formativo, mas uma expressão de resistência diante das imposições culturais que ainda subordinam os projetos individuais das mulheres às obrigações familiares (Pinheiro *et al.*, 2022; Gomes, 2023).

Lusitônia expande a compreensão desses desafios ao evidenciar a sobreposição entre funções acadêmicas, domésticas e maternas. Sua vivência revela a complexidade de ser, ao mesmo tempo, educadora, estudante, esposa e mãe, uma combinação que demanda um esforço contínuo para manter a dignidade profissional diante da desvalorização social. A precariedade salarial e a dificuldade de acesso à formação continuada apontam para entraves estruturais que não se explicam apenas pela escassez de políticas públicas, mas por um sistema que ainda naturaliza o papel da mulher como cuidadora e subestima sua atuação intelectual.

Ao denunciar essas heranças culturais, a fala da docente reafirma a urgência de repensar o lugar da mulher na educação, não apenas como maioria numérica, mas como sujeito de direitos e de reconhecimento.

Quando indagadas acerca de algum episódio de desrespeito, como machismo, piadas ou até mesmo de silenciamento quanto as suas capacidades, foi possível obter as seguintes respostas:

MARTA: Não.

LUSITÔNIA: Não.

Embora ambas as participantes afirmem não ter vivenciado episódios explícitos de machismo ou desrespeito, essa ausência de relatos não significa que tais situações estejam ausentes do ambiente acadêmico. Muitas formas de discriminação são sutis, normalizadas ou mesmo internalizadas, o que pode dificultar sua identificação. O silêncio, nesse caso, pode representar uma estratégia de resistência, autopreservação ou até uma forma de lidar com um contexto que ainda impõe barreiras invisíveis às mulheres.

Em contrapartida, quando indagadas sobre a crença de que o espaço da mulher na academia, sobretudo como pesquisadora, ainda é pouco ocupado e sobre a necessidade para que mais mulheres possam ocupar não só a universidade, mas posições de poder, obteve-se as seguintes respostas:

MARTA: *Acho que a mulher já conseguiu seu espaço na Academia, tanto que as turmas são formadas mais por mulheres do que por homens, mas acredito que para a mulher fazer qualificação e atingir o Doutorado e outras formações, precisa de um apoio muito grande da família, pois precisa se ausentar, viajar para o exterior e dedicar muito tempo ao estudo e à pesquisa.*

LUSITÔNIA: *A mulher é sempre mais sobrecarregada de ocupações domésticas (raras exceções) que o homem, assumindo, em grandes proporções ser mãe solo (às vezes em situação veladas, o homem existe, está ali presente, mas é apenas mais um a ser dependente da mulher), isso limita muitas mulheres a poder alavancar rumo a desafios mais arrojados para fazer sua carreira, ou uma nova carreira, decolar. Como pesquisadora, o caso ainda é mais sério, pois juntando aos fatos supracitados, se junta a eles o fato da falta de valorização aos pesquisadores em geral. Para que mais mulheres possam ocupar não só a universidade, mas também posições de poder - falta incentivo profissional financeiro e para que isso ocorra a mulher deverá prosseguir lutando por emancipação social e financeira. É uma luta interna constante por espaços de imersão profissional de reconhecimento em termos financeiros e de reconhecimento social.*

As respostas evidenciam percepções distintas, porém complementares, sobre o lugar da mulher na academia e os entraves para sua ascensão às esferas de poder e pesquisa. Marta reconhece avanços significativos na ocupação feminina nas universidades, destacando a presença majoritária de mulheres nas turmas, mas ressalta que a continuidade na formação e a consolidação como pesquisadora ainda

dependem de fatores extrínsecos à competência acadêmica, como o suporte familiar. Esse ponto revela uma problemática estrutural, como apontado por Magalhães *et al* (2024), a responsabilidade pelo cuidado ainda recai desproporcionalmente sobre as mulheres, exigindo delas não apenas esforço intelectual, mas também uma rede de apoio para que possam avançar na carreira científica.

Lusitônia, por sua vez, amplia a análise ao incorporar uma leitura mais crítica das relações de gênero. Para ela, a sobrecarga doméstica, especialmente em contextos de maternidade solo ou invisibilizada representa um bloqueio real ao crescimento profissional feminino. Além disso, ao mencionar a desvalorização generalizada da pesquisa no país, ela indica que, quando somadas às desigualdades de gênero, essas condições tornam o percurso das mulheres ainda mais árduo. Sua fala propõe uma reflexão que vai além da presença física feminina na universidade: trata-se de conquistar também legitimidade simbólica e autonomia financeira, exigindo não só apoio institucional, mas uma transformação social mais ampla.

Ao finalizar os questionamentos, as participantes foram indagadas a direcionarem um conselho que possa inspirar novas mulheres a ocupar espaços semelhantes, ou até mesmo, ir além. A partir disso, obteve-se as seguintes respostas:

MARTA: *As mulheres precisam acreditar que são capazes, que conseguem chegar aonde quiserem. E precisamos lutar sempre pela igualdade entre homens e mulheres, não precisamos provar todos os dias que somos capazes, mas mostrar a crença na nossa própria capacidade pelo nosso mérito e dignidade.*

LUSITÔNIA: *Meu conselho amoroso para que todas as mulheres possam chegar nesse espaço que eu ocupo atualmente, como mulher professora doutora e pesquisadora é: Acredite que o saber que você carrega tem poder transformador — porque tem sim. Ser mulher e desejar ocupar o espaço da docência e da ciência em uma universidade pública é um ato de coragem, resistência e sonho. Não permita que a culpa socializada, o cansaço da sobrecarga ou os olhares que duvidam da sua capacidade - te silenciem; E mais: Você mulher, não precisa pedir licença para ocupar o espaço que construiu com esforço, dedicação e inteligência. Seja teimosa com seus sonhos, solidária com outras mulheres e homens e firme na sua voz e postura. E lembre-se: cada vez que você ocupa esse lugar, você abre caminho para muitas outras e outros, jovens atuarem como professores. A universidade pública precisa do seu olhar, mulher, da sua vivência e da sua paixão pelo conhecimento, voltados para uma pedagogia do cuidado com o outro. Não desista — transforme - siga em frente*

O conselho de Marta enfatiza a importância da autoconfiança e do reconhecimento do próprio valor como caminhos para que mais mulheres ocupem espaços acadêmicos e profissionais. Ao afirmar que não é preciso provar constantemente sua capacidade, ela enfatiza, ainda que indiretamente, a pressão por validação que muitas enfrentam. Sua fala combina incentivo pessoal com um chamado à luta por igualdade, mostrando que o avanço feminino exige tanto força interior quanto mudanças estruturais na forma como o mérito é reconhecido.

A contribuição de Lusitônia amplia o escopo do discurso, conferindo-lhe densidade emocional, política e simbólica. Ela incentiva as mulheres a reconhecerem o valor transformador de seus saberes e experiências, especialmente no contexto da docência e da produção científica em instituições públicas. Sua mensagem evoca a noção de que estar nesses espaços é, antes de tudo, um gesto de coragem e persistência diante de estruturas que historicamente excluem ou silenciam.

A referência à “culpa socializada” e à “sobrecarga” aponta para os marcadores sociais que operam sobre os corpos femininos, especialmente os que acumulam funções dentro e fora da academia. Lusitônia também convoca a uma atitude afirmativa: não pedir permissão, mas assumir o espaço com firmeza e legitimidade, tecendo redes de apoio e abrindo caminhos para novas gerações.

Apesar da expressiva presença feminina na educação, as experiências de Marta e Lusitônia revelam que ainda há desigualdades estruturais que limitam o avanço das mulheres na ciência e na academia. Ambas enfrentaram sobrecargas e renúncias pessoais para alcançar a formação em nível de doutorado, evidenciando que o progresso feminino muitas vezes depende de apoio externo e esforço contínuo. Mesmo sem relatos explícitos de machismo, vivenciaram formas sutis de desvalorização e exclusão. Suas falas reforçam que, embora a autoconfiança seja fundamental, a superação dessas barreiras exige mudanças sociais e institucionais mais amplas para garantir igualdade real de oportunidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho cumpriu com êxito a proposta de investigar o papel da mulher na educação e na ciência, com foco nas experiências vividas por docentes pesquisadoras do campus da Universidade Estadual do Maranhão, em Balsas. A pesquisa permitiu acessar relatos que revelam não apenas as conquistas, mas também as renúncias, os enfrentamentos cotidianos e a resiliência necessária para que essas mulheres pudessem trilhar percursos acadêmicos consistentes. Com isso, os objetivos definidos inicialmente foram plenamente atingidos.

Durante o desenvolvimento do estudo, alguns obstáculos foram enfrentados, como a limitação no número de participantes e o tempo restrito para coleta de dados impuseram desafios à abrangência da amostra. Além disso, tratar de experiências pessoais e profissionais demandou sensibilidade metodológica para acolher as narrativas com ética e respeito, sem comprometer a integridade das interlocutoras. Ainda assim, os dados obtidos foram suficientes para traçar um panorama significativo sobre as dificuldades estruturais enfrentadas pelas mulheres na academia, como a sobrecarga de funções, a dificuldade de acesso à formação continuada e a desigualdade de oportunidades.

Diante dos resultados alcançados, acredita-se que a continuidade dessa linha de investigação é fundamental. Pesquisas futuras podem aprofundar o debate sobre a presença feminina em cargos de gestão, analisar as estratégias institucionais de promoção da equidade de gênero e explorar, de forma mais ampla, as experiências de cientistas em contextos distintos do atual.

Assim, esta monografia reafirma a urgência de promover visibilidade e reconhecimento às trajetórias femininas na educação e na ciência. Valorizar essas vivências não é apenas um exercício de justiça, mas também um passo essencial para a construção de espaços acadêmicos mais democráticos, plurais e comprometidos com a igualdade de direitos e oportunidades.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Gabryella Rodrigues; SOUZA, Nádia Martins; LEITE, Amadeu Benicio. Avaliação do impacto na qualidade de vida das pacientes submetidas a procedimento cirúrgico de correção de prolapso de órgão pélvico. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 23, n. 3, p. e12320-e12320, 2023.
- ALVES, Sônia Guimarães; GAGLIANONE, Maria Cristina. Distribuição, nidificação e forrageamento de abelhas sem ferrão (Meliponini) em áreas urbanas da região neotropical: uma revisão bibliográfica. In: **Congresso Fluminense de Pós-Graduação-CONPG**. 2023.
- ALMEIDA, Franklim Drumond. Razão conceptiva: uma aproximação entre Susanne Langer e Nise da Silveira. **Annales Faje**, v. 8, n. 2, p. 211-211, 2023.
- ALMEIDA, Vitor Sergio; SILVA, Graziene Dantas. A alfabetização e o letramento no ensino fundamental sob a perspectiva de Emília Ferreiro e Magda Soares e o prescrito nos documentos educacionais brasileiros. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 46, 2021.
- AZEVEDO, Jacson Santos; PIOL, Sântia Mara. Uma sequência didática decolonial para turmas de física calcada na inserção de cientistas negros e negras. **A Física na Escola**, v. 21, p. 230071-1-230071-7, 2023.
- BALBÉ, Alice; BOTELHO, Claudia; CABECINHAS, Rosa. Mulheres cientistas? A representação das mulheres na ciência nos livros didáticos de história em Portugal. **cadernos pagu**, n. 67, p. e236711, 2023.
- BASILIO, Leticia Vieira; AUGUSTO, Thaís Gimenez; SILVA, Leandro Loendero. Análise dos efeitos de uma proposta de ensino com foco na contribuição das mulheres para a Ciência: Analysis of the effects of a teaching proposal focused on the contribution of women to Science. **Revista Cocar**, v. 21, n. 39, 2024.
- BERNARDES, Rayane Monique; TORRES, Kelly Beatriz Vieira; COSTA, Carolina Reciate. Mulher, esposa e mãe na ciência e tecnologia. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 1, 2021.
- BONFIM, Thainá Araújo; RAMIRES, Késia. AS OBRAS DE NÍSIA FLORESTA PELA HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA DAS MULHERES (1832-1853). **Caminhos da Educação Matemática em Revista (Online)**, v. 14, n. 4, p. 195-213, 2024.
- CALDEIRA, Maria Carolina; FRANGELLA, Rita de Cássia Prazeres. Letramento em políticas curriculares de alfabetização: relações de poder-saber em torno do conceito cunhado por Magda Soares. **Revista Brasileira de Alfabetização**, 2023.
- CAMPOS, Simone Ballmann. **Reapresentando Maria Montessori: O percurso e a obra educativa da mulher mais interessante do século XX**. Paco e Littera, 2022.
- CASTRO, Mariana Cunha; CORDEIRO, Andria Magalhães. Paulo Freire e suas contribuições para a educação. **Ensino Em Perspectivas**, v. 2, n. 3, p. 1-5, 2021.

CILENTO, Juliana; GUERRA, Andreia. Discussões em aulas de física sobre a participação de mulheres na ciência, a partir da obra Diálogos sobre a Pluralidade dos Mundos. **Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v. 14, n. 1, p. 249-275, 2021.

CORDEIRO, Thamires Luana *et al.* Contribuições da história de vida da cientista brasileira Bertha Lutz para o ensino de ciências. 2022.

DIAS, Luma Pinheiro. Ser filha, esposa e mãe: os papéis femininos no século XIX nas obras de Nísia Floresta. **Vozes, Pretérito & Devir: Revista de historia da UESPI**, v. 14, n. 1, p. 145-165, 2022.

FARIAS, Yaci Maria Marcondes; SEPÚLVEDA, Claudia. História da Ciência para um Ensino De Biologia antiopressivo: o caso da mulher da ciência Clémence Royer. **História da Ciência e Ensino: construindo interfaces**, v. 27, p. 343-355, 2023.

FLORESTA, Nísia. **Opúsculo humanitário**. Penguin-Companhia, 2024.

FRADE, Isabel Cristina Alves; GALVÃO, Ana Maria. A presença da história na produção de Magda Soares: usos, tendências e perspectivas epistemológicas. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 20, p. 1-14, 2023.

FRANÇA, Dayane Gabriela Klein; NOVAES, Barbara Winiarski Diesel. A ÁLGEBRA PRESENTE NO LIVRO PSICOARITMÉTICA DE MARIA MONTESSORI. **Seminário Temático Internacional**, p. 1-10, 2025.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Paulo Freire: uma história de vida**. Paz e Terra, 2025.

FREIRE, Paulo; FREIRE, Ana Maria Araújo; OLIVEIRA, Walter Ferreira. **Pedagogia da solidariedade**. Editora Paz e Terra, 2021.

GOMES, Henriette Ferreira. A mulher na sociedade e na Ciência da Informação. **Brazilian Journal of Information Science**, n. 17, p. 42, 2023.

GOMES, Lidiane Bernardo; JUNIOR, Francisco Francinete Leite. NISE DA SILVEIRA: arte, ciência e saúde mental. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, v. 10, n. 3, p. 1512-1520, 2022.

GONÇALVES, Bruna Maria Vieira *et al.* Mulheres na Ciência e Matemática: o que dizem as teses e dissertações. **Jornal Internacional de Estudos em Educação Matemática**, v. 15, n. 3, p. 364-372, 2022.

GUIMARAES, Sonia K.; BARCELOS, Regis LG. Brazilian company for industrial research and innovation: a new generation of STI policy mechanisms for the modernisation of the productive sector. **Science, Technology and Society**, v. 28, n. 2, p. 297-318, 2023.

GULLAR, Ferreira. **Nise da Silveira: uma psiquiatra rebelde**. Paidós, 2024.

IBARRA, Ana Carolina Rodríguez; RAMOS, Natália Baptista; DE OLIVEIRA, Manoela Ziebell. Desafios das Mulheres na Carreira Científica: Uma Revisão Sistemática?. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 2021.

IAMAMOTO, Marilda Villela; DOS SANTOS, Cláudia Mônica. **A história pelo avesso: a reconceituação do serviço social na América Latina e interlocuções internacionais**. Cortez Editora, 2021.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Trabajo social en tiempo de capital fetiche: capital financiero, trabajo y cuestión social**. Cortez editora, 2022.

LARA, Jorge Tibilletti de; CAPOZZI, Rebeca. Os anuros de Bertha Lutz: a diversidade de práticas científicas na herpetologia brasileira entre as décadas de 1940 a 1970. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 19, n. 3, p. e20230104, 2024.

LIMA, Lucianna Ribeiro *et al.* **Práticas Críticas em Psicologia Escolar e Educacional: experiências vividas no chão da escola e suas complexidades**. Pimenta Cultural, 2023.

LIMA, Rodrigo. Leituras dirigidas de Marilda Iamamoto: a atualidade e a relevância na formação em Serviço Social. **Serviço Social & Sociedade**, v. 146, p. e6628319, 2023.

LIRA, Iris Dayane Guedes. **Mulheres nas ciências exatas: um olhar sob a perspectiva de gênero, preconceito de gênero, invisibilidade e silenciamento no cotidiano do trabalho docente**. 2021. Dissertação de Mestrado.

LUTZ, BERTHA. Bertha Lutz. 2024.

MACEDO, Vera. A importante contribuição da obra de Nise da Silveira para a Psicologia Analítica de Jung. **Junguiana**, v. 39, n. 2, p. 29-42, 2021.

MACHADO, Carmem Silva; RAMOS, Andréia Teixeira; SIERRA PARDO, Claudia Patricia. Memórias de Paulo Freire: conversaciones con Ana Maria Araújo Freire. **Perfiles educativos**, v. 43, n. SPE, p. 95-115, 2021.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira; ROCHA, Juliano Guerra. Magda Soares e sua produção intelectual no campo da alfabetização, leitura e escrita no Brasil (1959-1998). **Revista Linhas**, v. 24, n. 56, p. 280-306, 2023.

MAGALHÃES, Lorena Sousa *et al.* **Mulheres nas Ciências: percepções de estudantes da licenciatura em Ciências Biológicas**. 2024.

MENEZES, Breno Henrique do Nascimento. A disciplina "Mulheres que inspiram na ciência" como estratégia pedagógica para valorizar as mulheres cientistas na escola EEMTI Maria Zenóbia Rodrigues Braga. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 1. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2024. 128 p.

MIRANDA, Ana Ruth Moresco. Magda Soares em entrevista para Cadernos de Educação (UFPel). **Cadernos de Educação**, n. 66, 2022.

MORAIS, Artur Gomes; SILVA, Alexsandro. Alfabetização e letramento na educação infantil: o legado de Magda Soares. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 20, p. 1-16, 2023.

NASCIMENTO, Jackson S. *et al.* Tutorial para futuras cientistas: Um relato de cursos para a disseminação da participação de mulheres na área de computação. In: **Workshop de Informática na Escola (WIE)**. SBC, 2022. p. 359-368.

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues; MACIEL, Francisca Izabel Pereira. MAGDA SOARES, PROFESSORA E ORIENTADORA: ATUAÇÃO DE UMA INTELECTUAL A PARTIR DA FAE/UFMG.

OLIVEIRA, Gabriela Ramos Gomes. Caracterização material e tomada de decisão para a conservação-restauração de diplomas de Magda Soares em pergaminho vegetal. **TCCS-Conservação e Restauração de Bens Culturais e Móveis**, p. 65-65, 2025

OLIVEIRA, Elaine. Resumo de Pedagogia da Indignação. **Revista Pedagogia Social UFF**, v. 14, n. 1, 2022.

PENA, Daniela Martins Buccini; QUADROS, A. -Professora.....está me dando uma raiva!": quando o sexismo na Ciência é discutido em aulas de graduação. **Revista Insignare Scientia (RIS)**, v. 6, n. 1, p. 323-344, 2023.

PERALTA, Deise Aparecida. Nísia Floresta: uma voz por reconhecimento das mulheres na história do currículo. **Zetetike**, v. 30, p. e022013-e022013, 2022.

PINHEIRO, Caroline Corrêa *et al.* Mulheres na ciência regional: análise da presença na produção científica das docentes e pesquisadoras da Universidade Federal do Pará-UFPA. 2022.

PONTES, Eliane Batista; SOARES, Magda Lucia Almada. Acervos arquivísticos audiovisual e sonoro da Fiocruz: uma reflexão acerca de sua preservação digital. **Revista Brasileira de Preservação Digital**, v. 3, p. e022003-e022003, 2022.

QUADROS, Raquel. Bertha Lutz e a Construção de Condições para a Autonomia da Mulher Brasileira: trabalho, política e educação (1919-1937). **Revista Formação**, v. 1, n. 1, p. e011-e011, 2024.

REZENDE, Alan Marcos Silva de. **Maria Montessori e os materiais didáticos: condensando saberes profissionais da docência em matemática (1900-1930)**. 2021. Tese de Doutorado.

RIBEIRO, Ana. Bertha Lutz. Pioneira da inscrição dos direitos das mulheres na ONU. **Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher**, n. 49, p. 183-194, 2023.

ROCHA, Mírian Narjara Pires. Mulheres na ciência: uma avaliação das políticas públicas de apoio à maternidade implementadas no âmbito da pós-graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC). 2022.

RODRIGUES, Lara Lorhany Gomes *et al.* Do presente ao futuro: a mulher na ciência brasileira. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 7, n. 21, p. 36-52, 2021.

RODRIGUES, Lucas Yuri. Transversalidade, currículo, gênero, raça e a educação. **Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão**, v. 5, n. 9, p. 172-177, 2021.

ROSA, Kamilla; XAVIER, Felipe; ANDRADE, Luiz Antonio Botelho. A ARTE CINEMATOGRAFICA E O ENSINO DE CIÊNCIAS PARA ESTUDANTES DO FUNDAMENTAL II: RELATO DE EXPERIÊNCIA. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. e024085-e024085, 2024.

SANTOS, Juliana de Oliveira. As contribuições de Bertha Lutz para o feminismo, a ciência e a sociedade. 2024.

Silva, R. P. **Meninas e mulheres na ciência: conheça a importância da data. Mundo Maker**. 2020. Disponível em: <http://www.mundomaker.cc/meninas-e-mulheres-na-ciencia-conheca-a-importancia-da-data/>. Acesso em: 03/05/2024.

SANTOS, Cláudia Mônica; IAMAMOTO, Marilda Villela. A História pelo Avesso: uma pesquisa internacional “em rede” de pesquisadores/as. **Libertas**, v. 22, n. 1, p. 01-15, 2022.

SANTOS, Marynara Costa *et al.* O PROTAGONISMO FEMININO E AS EXPERIÊNCIAS DE DOCENTES DAS CIÊNCIAS NATURAIS NA UFS. **Revista Feminismos**, v. 10, n. 23, 2022.

SANTOS, Anderson Oramisio *et al.* MARIA MONTESSORI–DA CASA DEI BAMBINI AO MUNDO: VIDA, OBRAS E CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO. **Revista Valore**, v. 8, 2023.

SANTOS, M. C. F. dos. **Lugar de mulheres é na educação científica – e onde mais elas quiserem**. Porvir. 2021. Disponível em: <https://porvir.org/lugar-de-mulheres-e-na-educacao-cientifica-e-onde-mais-elas-quiserem/>. Acesso em: 09/05/2024.

SANTOS, Luanna Siebert dos *et al.* A contribuição do periódico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística na inserção da mulher na ciência geográfica: o caso do boletim geográfico. 2023.

SEVESO, Gabriella. **Maria Montessori: Uma Pedagoga que Atravessa Fronteiras**. Editora Appris, 2024.

SILVA, Circe Mary Silva. Maria Montessori, Psico Geometria e Neurociência. **Educação Matemática Em Revista-RS**, v. 2, n. 22, 2021.

SOARES, Mônica Duarte Costa. Nise da Silveira e Daniella Pinangé: a interdisciplinaridade da arteterapia. **Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Curso de História da Arte, Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro**, 2023.

SOUZA, Susane Petinelli. A literatura feminista de Nísia Floresta na formação em administração. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 20, n. 4, p. 739-763, 2021.

TESS, Beatriz Helena *et al.* Seroprevalence trends of anti-SARS-CoV-2 antibodies in the adult population of the São Paulo Municipality, Brazil: Results from seven serosurveys from June 2020 to April 2022. The SoroEpi MSP Study. **Plos one**, v. 19, n. 8, p. e0309441, 2024.

TOMAZ, Marlene. A Educação e a autonomia do indivíduo: uma síntese com base nos saberes filosóficos de Maria Montessori, Jean Piaget e Immanuel Kant. **Rebena-Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, v. 9, p. 156-162, 2024.

TORRES, Ana Raquel Rosas et al. Psicologia Social: temas e teorias. 2023.

UNESCO. **Descifrando os Códigos: O poder das ciências para o futuro da educação**. 2021. Disponível em: <https://www.unesco.org/en/days/women-girls-science>. Acesso em: 18/05/2024.

VARELA, Helaizy de Carvalho Figueiredo; DO NASCIMENTO, Sheila Moura da Silva. HISTÓRIA DA COMARCA DE NÍSIA FLORESTA. **História do Poder Judiciário do Rio Grande do Norte**, p. 122, 2023.

APÊNDICES



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE BALSAS –
CESBA DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM
CURSO DE ENFERMAGEM**

**O LUGAR DA MULHER NA EDUCAÇÃO E NA CIÊNCIA: desafios, trajetórias e
inspirações**

APÊNDICE A – Questionário

O lugar da Mulher na Educação e na Ciência

Olá, muito obrigada, desde já, por aceitar compartilhar algumas informações relevantes que contribuirão para a construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Sou acadêmica do curso de Pedagogia da UEMA/Balsas e estou desenvolvendo uma pesquisa sobre os desafios, as trajetórias e as formas de inspirações que vocês, mulheres professoras doutoras e cientistas, vivenciaram/vivenciam e que agora podem revelar as entrelinhas disso. Ficarei muito grata com vossa contribuição.

Lembro ainda que não é necessário identificação pessoal. Além disso, os dados coletados ficarão sob nossa responsabilidade e manteremos sigilo no tratamento dos mesmos.

Kândida Eduarda Soares Lima (Graduanda em Pedagogia - UEMA/Balsas)

Marcelo Bruno Araújo Queiroz (Orientador - IFPI/SRN)

01) Qual sua formação acadêmica? Diga a área da graduação, do mestrado e do doutorado.

02) Há quanto tempo você atua no Ensino Superior? Diga também quanto tempo atuou e/ou atua na Educação Básica.

03) Em sua trajetória acadêmica, da graduação ao doutorado, quais foram os principais desafios que você encontrou, sobretudo, por ser MULHER?

04) Em sua formação e/ou local de trabalho, você já foi vítima de alguma situação de machismo (foi silenciada, duvidaram de sua capacidade, ouviu piadas, etc.)? Como aconteceu?

05) Você acredita que o espaço da mulher na academia, sobretudo como pesquisadora, ainda é pouco ocupado? Se sim, qual sua opinião sobre isso? O que está faltando, em sua opinião, para que mais mulheres possam ocupar não só a universidade, mas também posições de poder.

06) Qual seu conselho inspirador para que mais mulheres possam chegar nesse espaço que você ocupa atualmente, como mulher professora doutora e pesquisadora?